

73

cadernos de teatro

TÉCNICA ELEMENTAR DO COMEDIANTE — C. Dullin

JOGOS DRAMÁTICOS

OS ADVOGADOS — Racine

TEXTO PARA ESTUDO — Tennessee Williams

DOS JORNAIS

87

CADERNOS DE TEATRO N. 73

abril-maio-junho-1977

Publicação d'O TABLADO patrocinada pela FUNARTE,
DAC e Serviço Nacional de Teatro (MEC)

Redação e Pesquisa d'O TABLADO

Diretor-responsável — JOÃO SÉRGIO MARINHO NUNES

Diretor-executivo — MARIA CLARA MACHADO

Diretor-tesoureiro — EDDY REZENDE NUNES

Redatores — BERNARDO JABLONSKI

GUIDA VIANNA

Secretária — SILVIA FUCS

Redação: O TABLADO

Av. Lineu de Paula Machado, 795 - ZC 20

Rio de Janeiro - 20.000 - Brasil

*Os textos publicados nos CADERNOS DE TEATRO
só poderão ser representados mediante autorização
da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT)
Av. Almirante Barroso, 97 Rio de Janeiro*

TÉCNICA ELEMENTAR DO COMEDIANTE

CHARLES DULLIN

Saber respirar bem, e, ao mesmo tempo, adquirir a ciência de usar a respiração.

Saber fazer-se compreendido, adquirindo, para isso, boa dicção.

A respiração é a base da boa dicção, da leitura inteligente, tanto quanto o é dos movimentos trágicos ou dos efeitos bem executados. Se você não dispuser de grandes meios, graças a êsse pequenino deus, eles serão suficientes para encher o maior dos teatros. Um trágico atleta de voz estertorosa poderá berrar a seu lado, mas é a você que escutarão. Sei que ao lerem isso vão dizer: “mas eu respiro tão bem!” Para um longo passeio a pé, talvez... Mas a respiração, para nós atores, será eficiente, não somente no dia em que a conseguirmos, mas quando dela soubermos nos servir. Observe um acrobata ao executar um número perigoso. Nunca refletiu sobre aquilo, no entanto, o instinto o guia... Sua respiração é semelhante à corda na qual se equilibra... Ora suspenda como se dela dependesse o equilíbrio — ora arrancada num impulso para um novo esforço... Um erro e poderá morrer...

Eis porque o acrobata que não quiser morrer deverá pôr-se em dia com o pequeno deus que presencia o nascimento e a morte. Para nós atores, não existe morte humana, mas a dicção pastosa, a respiração cansativa para o espectador, o mau costume de apoiar-se numa palavra para sublinhar-lhe a importância, o “rosnar” do ator, não nos dando tempo nem possibilidade de compreender o que ele diz, a monotonia do colorido, a falta de equilíbrio e autoridade, o pânico absurdo, o nervosismo, a ausência de ritmo, etc.

Convença-se de que um texto tem necessidade de respiração tanto quanto você, para poder viver, e que, num bom diálogo de teatro, a respiração é tão necessária quanto a pontuação num texto escrito. Pegue um texto de tragédia, leia-o calmamente e sentirá os momen-

tos em que a respiração se faz necessária. A tragédia, que comporta uma declamação nobre (não confundir com sonoridade abafada) permite a percepção da respiração como se fosse uma partitura musical. Se, mais tarde, você for dirigir, perceberá bem cedo o quanto a peça precisa da respiração, e tal qual o acrobata na corda, poderá despencar por falta dessa ciência elementar. Dirão: “para conversação diária de comédia de “boulevard”, para o diálogo cinematográfico, não haverá necessidade dessas coisas”. Responderei, então, que os grandes atores de “boulevard” conheciam esse recurso admiravelmente, e, anteriormente, os do melodrama também. Não estariam totalmente de acordo comigo, na forma de expressá-lo; diriam que o instinto basta ao acrobata; mas não me iriam contradizer nem quanto à essência, nem quanto à necessidade desse estudo.

Você só poderá tornar-se senhor de sua respiração após um treino preliminar de relaxamento geral.

Procure encontrar um bom professor. Aproveite o que aprender, esforçando-se por controlar-se e sentir, pouco a pouco, sua respiração, dela tornando-se, então, senhor absoluto. Você deverá passar da respiração abdominal e intercostal à respiração de peito, conforme suas necessidades, jogando ora com uma ora com outra, dando a impressão de não haver nunca interrupção para tomar fôlego. Todo esse trabalho exigirá tempo, paciência e, acima de tudo, constância, tendo sempre em mente o quanto lhe será útil no teatro.

DICÇÃO

A dicção é, simplesmente, a arte de fazer-se bem entender, de dar às palavras seu peso e sabor, tudo sem esforço, com naturalidade.

Nada mais fatigante que o orador ou comediante que escarpela as sílabas. Reserve esse esforço para seus exercícios privados, mas quando representar, não pense mais nele. Se você tiver boa respiração, depressa chegará a conquistar uma boa dicção.

O método mais recomendável é o da leitura mecânica em voz alta. Mas não tome para seus exercícios Baudelaire ou Racine, nem Verlaine. Suplico que não os misture a essa cozinha, pois é uma verdadeira cozinha; as palavras devem ser mastigadas como a carne, para que mais tarde saiam mais leves de sua boca.

Faça três espécies de leitura mecânica: uma, articulando cada palavra, mastigando-as, remastigando-as, como acabei de dizer. A segunda, ao contrário, rápida, articulando com o maxilar inferior, que deve adquirir leveza e rapidez. A terceira deve consistir em uma leitura lenta, com a preocupação de bem colocar a respiração, nunca perder o fôlego e seguir escrupulosamente as regras da sintaxe. Nas três leituras, tome, desde o princípio, como ponto de apoio, as consoantes; exagere com força essa percussão das consoantes “como um gago”. Esta imagem, meio ridícula fá-lo-á compreender melhor o que deve ser feito nos exercícios para não ser feito em cena. Não se preocupe com as vogais. As vogais, você sabe, são as patas traseiras de um cavalo, andam sempre; as consoantes são as patas dianteiras, é o importante para o amador. O ator convencional canta as vogais, salta de uma para outra, como o músico que não pode conceber a música senão na segurança dos acordes perfeitos; quando esse canto se faz num alexandrino, que certamente é um belíssimo verso, mas de cadência bastante monótona, isso se torna insustentável para os ouvidos mais delicados. É a consoante que dá o tom à nossa língua falada. Isso garantirá a você uma boa dicção e colocará a sua voz. Se tiver coragem de consagrar todo dia o tempo necessário a esses exercícios, os resultados não tardarão a coroar seus esforços.

(Extraído de “Souvenirs et Notes d'un Acteur” — tradução de Sonia Oiticica)

TÉCNICA DE RELAXAMENTO

O relaxamento é um método de recondicionamento psico-fisiológico. Tornou-se um meio indispensável para conseguirmos descontração, tranquilidade e recreação. Além disso, fornece outras possibilidades terapêuticas, dependendo do campo em que fôr utilizado. É igualmente indicado como processo restaurador e reconstituente na medicina geral e suas várias especialidades, na psicoterapia, na fonoaudiologia, na reabilitação, na terapia ocupacional e já tem seu lugar na pedagogia, no esporte, na assistência social e no teatro. Aqui, especificamente, segundo Nelly Laport (*), temos que: “Para um melhor aproveitamento das possibilidades físicas e vocais, imprescindíveis ao profissional do palco, o corpo e a voz devem ser treinados no sentido de obterem movimentos flexíveis. Com esta finalidade, torna-se necessária a prática diária de exercícios de relaxamento.”

Dentre as inúmeras técnicas existentes, apresentaremos a seguir a Relaxação Progressiva de E. Jacobson. O método mostra uma orientação mais fisiológica do que psicológica, em que a pessoa aprende a avaliar e realizar sistematicamente suas tensões nos diversos grupos musculares, para depois relaxá-las.

Jacobson elaborou um sistema de “seis Passos” manipulando os diversos grupos dos músculos estriados, salientando, porém, que para conseguir a relaxação necessita-se um intervalo prolongado e realmente é uma das desvantagens aparentes do método, a duração dos exercícios. O paciente, aprendendo o refinamento de suas percepções cinestésicas, saberá também registrar a diminuição das tensões musculares, podendo vivenciar assim o relaxar psíquico de modo consciente, sem necessitar fenômenos hipnagógicos.

I — Primeiro Passo: A Relaxação dos Braços

1.º *Exercício*: O paciente em decúbito dorsal fecha os olhos, permanecendo com as pernas descruzadas tentando diminuir o mais possível seus movimentos, conseguindo eventualmente uma completa imobilidade. Isto ainda não é relaxamento, mas uma introdução e condicionamento preliminares, tentando perceber, sem qualquer esforço mental, todos os fatores que surgem, impedindo ou fomentando a execução e o conseguimento deste estado preparatório.

2.º *Exercício*: A posição é a mesma: decúbito dorsal, olhos fechados, pernas descruzadas.

Retesamento: Levantar o braço direito; fechar o punho; Sentir durante a execução dos movimentos a tensão que surge no braço direito.

Descontração: Deixar cair o braço; Abrir o punho; Permanecer com os dedos soltos; (não mandar esticá-los). Depois de 3 a 5 minutos de repouso repetir o exercício duas vezes.

Modalidades: Executar o exercício apenas com o antebraço ou com o pulso.

3.º *Exercício*: Na mesma posição executa-se o exercício com ambos os braços. Aqui também, como antes de cada exercício, salientamos a importância de experimentar conscientemente o retesamento voluntário com todos os seus fenômenos acompanhantes e a descontração subsequente, que ainda está longe de ser perfeita, mas já fornece elementos de orientação e constatação proprioceptiva.

II — Segundo Passo: A Relaxação das Pernas

1.º *Exercício*: A posição é a mesma: decúbito dorsal, olhos fechados, pernas descruzadas.

Retesamento: O paciente executa uma “plantarflexão” com os tornozelos, flexionando também os artelhos, sem movimentar os joelhos.

Descontração: Parar repentinamente com a flexão dos pés e dos artelhos.

Depois de um repouso de 3 a 5 minutos, repetir duas vezes o exercício e a pausa.

Aconselhamos não tentar uma execução violenta e

tualmente causará dores, impedindo conseguirmos o propósito original.

2.º *Exercício*: A posição é a mesma e o exercício também, mas a fase de descontração deve ser executada paulatinamente. No início talvez haja certa dificuldade com a inervação coordenada, e a execução acontecerá “aos pulos”, mas mais tarde aprender-se-á o procedimento adequado.

3.º *Exercício*: Durante as repetições e nas pausas subsequentes o paciente tenta vivenciar com consciência atenta, que ao retesar os pés, nos braços também haverá contração involuntária que desaparecerá junto com a descontração dos pés.

III — Terceiro Passo: A Respiração.

O paciente (decúbito dorsal) permanece com olhos fechados durante 10 minutos, realizando a imobilidade e o ritmo da própria respiração sem interferência ou condicionamento temporal, depois respira 3 vezes de modo um pouco mais profundo, sem esforço ou mudança real do processo.

Já anteriormente temos que instruí-lo para observar a caixa torácica atentamente, nas respirações mais profundas, para perceber o retesamento nos momentos do inalar e a descontração ao soltar o ar. A comutação de tensão e descontração deve ser experimentada claramente. Várias repetições permitem observações mais sutis, naturalmente com pausas intercaladas.

IV — Quarto Passo: A Relaxação da Testa

1.º *Exercício*: O paciente coloca-se perante o espelho.

A) Enrugando a testa levanta com força as sobrancelhas, depois solta-as lentamente.

B) Contraindo as sobrancelhas (olhar “feio”) com força e depois solta-as lentamente.

2.º *Exercício*: O paciente deita-se e fecha os olhos.

A) Enruga a testa e depois solta os músculos lentamente.

B) Contraindo muito lentamente as sobrancelhas e depois solta-as paulatinamente.

3.º *Exercício*: O paciente percebe que ao enrugar a testa e contrair as sobrancelhas, os braços, pernas e caixa torácica também apresentam contrações e que, ao descontraír testa e sobrancelhas, não se soltam com facilidade.

V — *Quinto Passo: A Relaxação dos olhos*

1.º *Exercício*: O paciente está em decúbito dorsal com olhos abertos. Olha para a direita e permanece 30 segundos assim, experimentando a tensão nos olhos. Deixa voltar os bulbos oculares à posição mediana sem mirar qualquer objeto, permitindo assim a descontração e o relaxar dos músculos oculares. Depois de um minuto de pausa repete o exercício para o lado esquerdo, para cima e para baixo, sempre voltando à posição mediana e relaxando os músculos antes de iniciar uma outra fase.

No quarto e no quinto passo é aconselhável evitar-mos execução forçada, que pode causar sintomas desagradáveis, como dor de cabeça, tontura, etc.; por isso é importante também observarmos as pausas intercaladas, realizando a descontração e a condição natural das áreas exercitadas.

VI — *Sexto Passo: A Relação de certos grupos musculares e dos órgãos da linguagem.*

O paciente permanece deitado como quiser, mas com olhos fechados.

1.º *Exercício*: Instruimo-lo para contar até 10 em voz alta, observando a atividade da língua, dos lábios, da mandíbula, do pescoço e da caixa torácica. Cada grupo muscular relaxa-se durante 3 minutos, de modo que o paciente ao parar de proferir os números, realiza uma a uma a descontração das respectivas áreas, repetindo sempre duas vezes o exercício com as necessárias pausas.

Com pacientes menos disciplinados ou com compreensão limitada, teremos que parcelar este exercício, dividindo-o de forma mais aceitável ou executável, conforme o caso. Podem surgir várias sensações “estranhas” para o paciente, como formigamento, salivação, euforia, etc., provavelmente por causa dos muitos circuitos funcionais sôbre e entrepostos nessas regiões; registramos atentamente o ocorrido, mas não há razão, na maioria dos casos, para não continuar o exercício.

2.º *Exercício*: A contagem é feita em voz baixa e mais tarde apenas sussurrando e depois, permanecendo em silêncio, experimentar da maneira acima descrita o relaxar dos diversos grupos musculares. Essa modalidade exige talvez muito mais concentração e participação do paciente do que as fases anteriores.

3.º *Exercício*: O paciente imagina apenas os números sem emissão sonora, experimentando que mesmo assim ocorre o relaxamento nos órgãos de linguagem.

Frequentemente aparece a relaxação progressiva de Jacobson em forma bastante alterada ou misturada com elementos ou sequências de outras técnicas psicotônicas. Não há mal nisso, conquanto os aplicadores saibam o que estão fazendo, não tentando modificações às cegas. É mister, porém, para aqueles que iniciam as suas experiências neste campo, que no começo aprendam o procedimento original, sem mesclas acrescentadas.

Os seis passos de Jacobson são apenas o modo simplificado do seu procedimento, que na forma mais extensa inclui séries de outros exercícios; cumpre ressaltar a importância do cultivo do “senso muscular” que é a sensação da contração muscular, a princípio relativamente vaga e mal delineada, e particularmente indistinta. Por isso é importante que o aplicador impeça a excitação de grupos musculares que não os indicados no momento; mais tarde, já não será necessária essa assistência do aplicador.

Jacobson considera o exercício das contrações como um artifício, dispensável depois de certo tempo, para que o paciente chegue logo ao relaxamento, sem prepará-lo com retesamentos musculares.

Apresentamos a seguir uma modalidade que, entre muitas, originou-se do método de Jacobson.

Das sequências propostas nesta modalidade, foram omitidas aquelas que já figuraram na descrição dos seis passos básicos (braço, pé, respiração, sobrancelhas e testa, olhos e órgãos da linguagem):

“Tente ficar numa posição confortável. . .

Estenda-se da melhor maneira. . . Feche os olhos. . .”

“Aperte os lábios um contra o outro e observe a tensão que se produz neles. Eles estão bastante tensos. . .

Você vai soltá-los agora e deixá-los completamente descontraídos... Afastando-os levemente, aprecie a descontração...

Sinta como estão bem relaxados e tente soltá-los cada vez mais...

Agora encoste sua língua com força contra a gengiva superior, por trás dos dentes e observe esta forma de tensão...

Sua língua agora está em grande tensão...

Retire-a agora de uma vez, deixando-a tomar sua posição original... Observe o alívio que causa a falta de pressão...

"Sinta que relaxando os lábios e a língua, relaxando-se também a face, os maxilares, o nariz, a garganta..."

"Fixe a atenção no pescoço, inclinando a cabeça para trás..."

Observe a tensão...

Vire a cabeça para a direita, permaneça assim e perceba a mudança das tensões...

Agora vire-a para a esquerda e perceba as tensões também desse lado...

Incline a cabeça para a frente, com força; o queixo deve tocar o peito...

Agora volte à posição solta...

Observe como está descontraída... e deixe esta sensação aumentar..."

"Levante seu ombro direito e mantenha-o nesta posição. Observe as tensões..."

Solte-o e perceba o relaxamento dessa região, juntamente com face e pescoço...

Levante o ombro esquerdo e proceda da mesma maneira...

Solte-o agora e perceba a descontração não só dessa região mas acima e abaixo dela...

Faça girar coordenadamente ambos os ombros... Primeiro para a frente, cinco vezes, em ritmo lento...

Solte-os... Observe a descontração que se estende às costas e ao peito...

Gire-os agora para trás, cinco vezes, sem pressa... Solte-os, observando novamente as alterações que ocorrem também nas regiões vizinhas..."

"Perceba a sensação de peso nas partes trabalhadas.

Tente estendê-la à todo o torax...

Poderá até senti-la no corpo inteiro..."

"Encolha a barriga paulatinamente, permanecendo com os músculos endurecidos..."

Observe a tensão... Solte de uma vez...

Perceba a expansão dessa soltura..."

"Respire calmamente..."

Faça mais uma vez, mas, encolhendo a barriga, perceba a sensação torácica...

Solte e experimente como abdomen e tórax inteiros estão relaxados e como tal estado transfere-se também para as extremidades..."

"Repita o exercício, mantendo a barriga encolhida..."

Observe agora, com a barriga encolhida, as tensões nas costas...

Experimente, soltando a barriga, como se soltam as tensões das costas, juntamente com tórax e abdomen..."

"Solte então e deixe estender-se a sensação ao corpo inteiro..."

"Respire, sentindo o peso do seu corpo, as partes soltas..."

Permaneça assim um pouco...

"Agora abra os olhos... movimente os braços..."

Respire mais profundamente... Espreguice mais...

Vire-se com movimentos lentos para a direita e para a esquerda... Levante-se lentamente..."

(Adaptado do livro Técnicas de Relaxamento, de Pethö Sandor e outros, ed. Vetor, Rio de Janeiro, 1974)

(*) Laport, Nelly e Beuttenmuller, Maria da Glória in Expressão Vocal e Expressão Corporal, Ed. Forense-Universitária, 1974.

JOGOS DRAMÁTICOS

A MALA NO TREM

AÇÃO: Num trem, vários passageiros se dão conta de que em um dos bancos há uma mala, aparentemente abandonada.

OBJETIVOS: Explorar as possíveis situações emocionais presentes na Ação: Vontade de pegar a mala, constrangimento, medo, preocupação com a atitude dos demais passageiros, cobiça, curiosidade, etc..

FIM: Os passageiros de comum acordo, decidem abri-la e repartir seu conteúdo. Infelizmente, a mala está vazia.

DISPUTA

AÇÃO: Mulher e amante de um mesmo homem marcam um encontro no bar para discutirem a situação. Ambas nunca tinham se visto antes (o encontro é solicitado pela esposa)

OBJETIVOS: Exercício de uma situação emocional rica: tensão, medo, curiosidade, inveja, despeito, raiva, chantagem emocional, etc.. Deve-se alertar os alunos para que evitem apelos emocionais fáceis através da criação de personagens extremamente estereotipados (por exemplo: amante muito má e inescrupulosa, esposa muito sofredora e infeliz, etc.)

FIM: A discussão termina quando a esposa exhibe um revólver. O final no entanto, fica a critério dos alunos.

EQUÍVOCO

AÇÃO: Numa grande firma, a diretoria reunida espera nervosamente a chegada de um fiscal do Governo (Fizeram grandes fraudes e os livros da firma foram adulterados) Mas quem chega é um cliente de última hora que é tomado pelo fiscal.

OBJETIVOS: Situação cômica. A indecisão e a surpresa que o cliente vai experimentando é percebida pela diretoria como um sinal de que ele se deixará subornar desde que "valha à pena"...

FIM: O tema termina quando se retira o cliente profundamente encantado e agradecido e chega o verdadeiro fiscal.

(baseado em O Inspetor Geral de Gogol).

MAQUIAGEM NO PALCO

O propósito da maquiagem no palco é o de contrabalançar a distância que separa atores de espectadores em termos de definição facial e o de compensar a intensidade das luzes no palco que desbotam a cor natural da face e “achatam” as feições dos artistas.

Maquiagem no palco deve ser aplicada de modo que não pareça artificial para as primeiras filas e nem venha a perder sua qualidade para as últimas filas do auditório. Não é necessário usar uma camada mais pesada de maquiagem para o teatro, do que para outros meios (cinema e TV), e sim, aplicar a cor ou a sombra correta na maneira e no lugar correto. Todo sombreado e seu oposto devem ser bem combinados, assim como as cores para as maçãs do rosto e as “sombras” para as pálpebras. Não espere que uma maquiagem mal misturada vá parecer bem no palco, independente da distância atores-audiência ou da intensidade das luzes. Ela não vai.

O revestimento facial para “velhice” e outras caracterizações não deveriam se assemelhar a “pés-de-galinha”, e sim, ser aplicados meticulosamente, como se fôsse para cinema. Embora seja verdade que para o palco, sombras e “luzes” devam ser aplicados com maior intensidade de cor, isso requer na verdade extremo cuidado na mistura das bordas, para que nenhuma linha de demarcação fique visível.

PINTURA, LUZES E MAQUIAGEM

Já que a iluminação desempenha um papel importante em todos os efeitos de maquiagem, é necessário entender a diferença entre pigmento de cores primárias de *tinta* e cores primárias de *luz*. Cores de luzes combinadas para formar outras cores não correspondem da mesma maneira em termos de cores-tinta. Elas são, no entanto, dependentes umas das outras na criação de vários efeitos no palco. Isto é, uma luz vermelha "lavará" (p/branco, teóricamente) uma cor-tinta vermelha, enquanto que uma luz verde fará o vermelho-tinta aparecer quase negro. A combinação de luz e maquiagem no palco é utilizada para aumentar os tons bonitos da pele e para obter certos efeitos desejados em trabalhos de caracterização.

PINTURA

As cores primárias são o vermelho, o azul e o amarelo. Misturadas igualmente, produzem o cinza. As cores secundárias são o laranja, o verde e o violeta. Elas são compostas pela combinação de duas cores primárias adjacentes. Cores mixtas são produzidas pela predominância de uma cor; assim, azul e verde misturados, com o azul prevalecendo, resultará em um verde-azulado, e com o verde prevalecendo, um azul-esverdeado. Um *matiz* é obtido pela adição de branco à cor, enquanto uma *sombra* é obtida pela adição de preto à cor.

LUZ

As cores primárias da luz são o vermelho, o verde e o azul. Combinados em igual intensidade, produzem uma luz branca. Filtros coloridos ou "gelatinas" são frequentemente usados sobre as luzes incandescentes para produzir variedades de tons e sombras. Um filtro de uma cor absorverá toda as cores do espectro, menos a cor do filtro. Assim, uma gelatina vermelha colocada sobre uma luz deixará passar apenas o vermelho e nenhuma outra cor. Abaixo do espectro visível das cores do vermelho ao violeta, o infra-vermelho é invisível. Acima do espectro, é invisível o ultra-violeta.

Há setenta e duas cores de sombras e matizes de gelatinas, entre as quais:

gelo	lavanda	amarelo
rosa	azul	vermelho
carmesim	azul-esverdeado	marrom escuro
púrpura	verde	

Algumas das gelatinas mais comuns e mais usadas são:

N.ºs 2 e 3, carne (rosa bem leve)

N.º 17, rosa surpresa ou lavanda especial (fria neutra)

N.º 25, azul-dia ("daylight blue")

N.º 27, azul-aço.

N.ºs 54 e 55, palha, amarelo claro.

N.º 62, ambar (quente neutra)

Luz do dia, luar, sol e outros efeitos podem ser produzidos pelo uso de gelatinas sobre os refletores.

Basicamente os mesmos princípios de maquiagem são seguidos para aplicação da maquiagem p/ o palco, cinema ou TV. Entretanto, as cores no palco aparecem sem aquelas interferências que as películas e a TV têm de superar. A tinta vermelha será vermelha, e a azul será azul, a não ser que haja refletores c/ gelatinas coloridas ou com bulbos de luz coloridos.

A iluminação em teatro é geralmente uma combinação — ou simples uso — de efeitos de luz neutros, frios e/ou quentes, na área de atuação do palco; exceto quando a hora do dia (manhã cedo, crepúsculo ou noite) requeira mudanças no esquema de luz para criar um efeito desejado (Ambar claro, palha e levanda-claro produzem tais efeitos). Para compensar o "levantamento" geral do tom amarelo provocado pela luz, a maquiagem deveria descair levemente para um tom rosado, ajudando a conferir uma maior "naturalidade" à pele.

SOMBRAS FUNDAMENTAIS

Não é mais necessário combinar arrebiques (greasticks) n.º 5, amarelo-ocre e n.º 9, vermelho-ocre, para se obter a cor correta da sombra base. Hoje em dia há várias combinações de sombras-base, o que pro-

TABELA

MAQUIAGEM E ILUMINAÇÃO

<i>Maquiagem</i>	<i>Iluminação</i>					
	Cor	Vermelho	Amarelo	Verde	Azul	Violeta
Vermelho	Desaparece	Cont. vermelho	Escurece bastante	Escurece	Escurece	Vermelho pálido
Laranja	Clareia	Quase desaparece	Escurece	Escurece bastante	Escurece bastante	Clareia
Amarelo	Vira branco	Vira branco ou desaparece	Escurece	Vira orquídea	Vira orquídea	Vira rosa
Verde	Escurece bastante	Escurece p/ cinza escuro	Verde pálido	Clareia	Clareia	Vira azul pálido
Azul	Escurece p/ cinza escuro	Escurece p/ cinza escuro	Verde escuro	Azul pálido	Azul pálido	Escurece
Violeta	Escurece p/ preto	Escurece até quase o preto	Escurece até quase o preto	Vira orquídea	Vira orquídea	Violeta muito pálido

Nota: Maquiagem preta, cinza e marrom permanece igual, a não ser em presença de muita luz.

porciona assim uma menor margem de erro na tentativa de obter os mesmos tons básicos cada vez que a maquiagem é aplicada. Com os antigos n.º 5 e n.º 9, freqüentemente a base descaía para o vermelho quando o n.º 9 era aplicado mais forte, ou para o amarelo, quando sucedia uma maior ênfase no n.º 5. As bases da RCMA (Research Council of Make-up Artists) e os Pan-Cake e Pan-Stik da Max Factor ou Mehron provêm as sombras corretas a serem utilizadas.

MULHERES

Os traços mais importantes da face no palco são os olhos e os lábios. Há diversas maneiras de se maquiar os olhos no palco, dependendo do tipo de representação a ser realizada. Em palcos pequenos ou de arena, os olhos podem ostentar uma aparência tão natural como se fosse para um filme.

Em palcos maiores, a linha dos olhos deve ser desenhada c/ lápis azul ou preto, deixando-se um espaço pequeno entre as linhas, no lado externo do olho. Preencher este espaço de branco. Às vezes, para tornar os olhos maiores (como no caso de olhos pequenos), uma fina linha branca deve ser traçada dentro da linha dos cílios da pálpebra inferior. A sombra para os olhos é aplicada nas pálpebras, como de costume, diluindo-se levemente acima do osso frontal. Um pouco de dourado pode ser colocado perto da linha dos cílios superiores, para conferir um certo brilho aos olhos, adequado em caso de Musicais. Máscara pesada e cílios postiços n.º 2 ou n.º 3 completam a maquiagem.

Maquiagem para ballet é geralmente impressionista, de modo que mais cores podem ser usadas “c/audácia” em torno dos olhos. Linha dos olhos traçada fortemente em azul ou preto, separadas por uma linha vermelha acentuada de branco em cada lado; sombra mais forte e um tanto brilhosa; e sobrancelhas fortemente traçadas com o final inclinado para cima, são adequados para o ballet clássico. Lembrar que a base é sempre bem pálida. RCMA FI ou F2 ou Factor 4 A são freqüentemente utilizadas por bailarinas. Já no ballet moderno, a maquiagem não é tão extremada, mormente quando o elenco está vestido modernamente, ou então, pelo contrário, pode ser até mais impressionista e estranha, caso o tema do ballet seja de natureza fantástica. Cílios postiços mais comuns, são o n.º 3 e n.º 4 (em preto).

Lápis para contornar os lábios 1/2 ou 2/3 são os mais indicados para uso em palco. Batons em tons brilhantes são mais adequados que os de tom pastel e/ou pálido. Se o palco é muito grande, ou a iluminação fraca, os lábios podem ser contornados com lápis marrom, para lhes dar maior definição. O rouge (regular) deve ser aplicado na parte mais proeminente do osso molar e misturado em toda as direções, tomando cuidado para não chegar muito perto do nariz e dos olhos e nem se afastar demasiado das maçãs do rosto. Atenção: as bordas externas não devem ter linha de demarcação. Palcos maiores permitem colocação de maior quantidade de rouge.

Com relação a crianças, o importante é deixá-las com ar natural. Não há razão e nem se deve “super-maquia-las”.

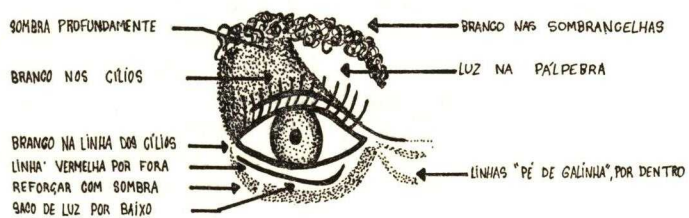
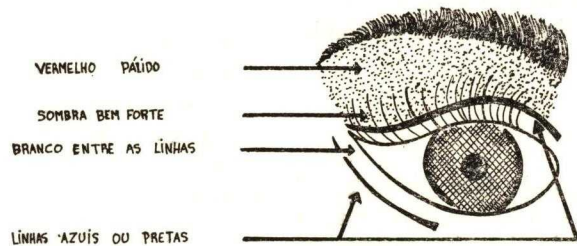
HOMENS

Os palcos modernos requerem uma maquiagem simples e sem excessos. Evitar tons brilhantes no baton e no ruborizador. Olhos traçados sem muita força. Linhas finas — marrom ou azul — podem ser traçadas na linha dos cílios superiores, em caso de palcos grandes. Mesmo assim, não devem ser traçadas com muita força. As sobrancelhas devem ser escovadas e mantidas na cor natural, a não ser que sejam muito claras (louras). Este tipo de sobrancelha simplesmente desaparece debaixo de uma luz mais forte. Um realce com lápis marrom brilhante elimina o problema. Não esquecer de maquiar orelhas, atrás do pescoço e o corpo, se alguma parte sua ficar exposta. Às vezes um bronzeado natural adquirido ao sol (ou por luz ultra-violeta) é tudo o que se necessita.

Maquiagem para homens no ballet se assemelha àquela utilizada pelas mulheres. No ballet clássico, sombras de base mais fortes, e olhos e lábios traçados pesadamente.

CARACTERIZAÇÃO DE PERSONAGENS

As sombras utilizáveis para conferir tons raciais e nacionais, são as mesmas de sempre. Entretanto, a caracterização de velhice requer alguns dados adicionais.



MAQUIAGEM DE PALCO

ALTO: MAQUIAGEM DE OLHOS P/ PALCOS GRANDES.

CENTRO: MAQUIAGEM DE OLHOS P/ BALLET.

EMBAIXO: MAQUIAGEM DE OLHOS, COM EFEITO DE VELHICE.

Por exemplo, as linhas podem ser traçadas com o lápis castanho da Max Factor. Assim também, o RCMA S-6 pode ser misturado às áreas sombreadas com o fito de dar uma profundidade correta de cor vermelha, própria para este tipo de caracterização. A Stein também possui um pan-cake (n.º 9) semelhante a uma sombra carmezim. As “luzes” podem ser feitas de branco para os palcos maiores, ou com Factor 4A ou RCMA CS-1 para menores espaços.

Outro bom método de envelhecimento consiste no seguinte: não utilizar nenhuma base. Aplicar luzes e sombras diretamente à face e em seguida pulverizar com o RCMA-pó transparente, o que confere um adequado ar de “falta-de saúde”. Este método funciona bem, principalmente quando o objetivo é transformar atores mais jovens em velhos.

Os lábios devem ser cobertos com uma cor base, seguida de um pouco de sombra azul-cinza S2 por cima, para aprofundar as cores. Nos olhos, uma linha branca mais forte é traçada dentro da linha dos cílios inferiores para abrir a parte inferior do olho, o que proporciona uma aparência de “pálpebra caída”, típica de velhos. Uma linha vermelha abaixo dos cílios acentuará o efeito ainda mais. Sombra branca n.º 1 nos cílios, retirará o brilho destes, e fará o olho parecer mortiço e sem vida. As sobrancelhas são escovadas na direção oposta a seu crescimento com base branca, para deixá-las esparsas e com aparência envelhecida.

Em anexo, um quadro ilustrativo para maquiagem de olhos.



MEYERHOLD

Observações coletadas durante os últimos cinco anos de vida de Meyerhold por seu assistente, Alexandre Gladkov.

Conhecemos a famosa observação de Checov: se há um rifle pendurado na parede no primeiro ato, um tiro deve ser dado antes do final da peça. Eu o parafrasearia da seguinte maneira: se há um rifle pendurado na parede no primeiro ato, uma *metralhadora* deve aparecer antes do final da peça. . .

— X —

Para derramar lágrimas verdadeiras no palco, o ator precisa sentir uma “emoção de criação”, um intenso júbilo interno; ele deve se sentir como se estivesse a pique de dar uma sincera gargalhada. A natureza psicofísica das lágrimas e do riso, no palco, é a mesma. Ambas brotam do prazer do artista e de seu vigor. Todas as outras formas de provocar lágrimas são neurastênicas, patológicas e representam o oposto da arte.

— X —

A cada representação, faça a mesma passagem de forma diferente! O problema fundamental do teatro contemporâneo é o de manter a dádiva da improvisação sem transgredir as precisas e complicadas marcações estipuladas pelo diretor. . . Recentemente falei sobre isso a Stanislavski: ele é da mesma opinião. Nós dois procuramos a solução de um problema como dois construtores de um túnel por baixo dos Alpes: cada um avança por um lado, mas em algum lugar, em meio à escavação, seguramente nos encontraremos.

— X —

As duas principais condições para o trabalho do ator são a improvisação e a capacidade de autocontenção.

Quanto mais complexa a combinação destas duas qualidades, tanto melhor será o ator.

— X —

O maior dom de um ator é a sua individualidade. Ela deve brilhar através do personagem por ele criado, não importa o quão completamente o ator se transforme. Petrovski era um ator que possuía uma técnica de metamorfose assombrosa; devido à sua falta de personalidade, nunca se tornou um grande ator. Eu acredito, que desde o início, cada um de nós possui uma certa individualidade: nenhuma criança se parece totalmente com outra criança. Toda a educação tende a apagar o individual, mas o ator deveria resistir a este nivelamento. Quando conheço alguém, tenho sempre o hábito de imaginá-lo como criança. Tente, é divertido. Em nossa companhia, entretanto, temos um ator a quem não consigo imaginar como criança. Ele é como uma cebola: tira-se uma pele, e há outra por baixo. Atrás dela há uma outra, e assim por diante, até o miolo. Ele é inteiramente destituído de uma individualidade, e apesar de sua excelente técnica, é um ator medíocre. . .

— X —

Não consigo me lembrar do autor da frase: “a relação entre arte e realidade é a mesma existente entre o vinho e a uva”. Mas foi muito bem dito.

— X —

Você já se perguntou porque os volteios acrobáticos no circo são sempre acompanhados de música? Para criar uma atmosfera propícia, poderá responder. É, mas será uma resposta superficial. O pessoal de circo necessita da música como um guia rítmico para ajudá-los a organizar seu “timing”. Eles trabalham em termos de fração de segundo, e a menor mudança de velocidade provocaria uma queda e um desastre. Com uma melodia bem conhecida servindo de acompanhamento, a coisa fica diferente, tornando o cálculo do tempo quase isento de erro. Sem música, seria possível, mas muito difícil. E se a banda se puser a tocar uma melodia diferente da esperada pelo acrobata, este se vê em perigo. Em certa medida, o mesmo acontece no teatro. Construída sobre uma base musical, a atuação torna-se mais precisa. No teatro oriental, nos momentos de clímax, o contra-regra provoca sons ritmados: é um guia para ajudar o ator a atuar precisamente.

O ator necessita de um *background* musical para medir a passagem do tempo.

———— X ———

Foi Scriabin quem deu esta definição de ritmo: “Tempo encantado”. Inspiradíssima!

———— X ———

Teatro, como a música, é essencialmente um estímulo à vida. Não perca tempo me falando das dificuldades de sua existência! Em 1920, morto de fome e tuberculoso, me sentia perfeitamente feliz, e cheguei até a me apaixonar...

———— X ———

Você me pergunta qual foi o melhor ator que eu vi na minha vida. Após alguma reflexão, posso lhe responder que o melhor ator que conheci foi Alexander Pavlovich Lenski. Ele possuía todas as qualidades que eu aprecio num ator; era realmente um artista.

Lenski sabia ser *leve*, o que não significa frivolidade ou superficialidade. Mesmo em papéis “pesados” ele atuava com leveza. Conseguia mostrar as coisas mais complexas com uma impressionante facilidade e sem tensões visíveis, sublinhando cada nuance e alcançando sem esforço uma profundidade de atuação impressionante. Nenhum outro conseguiria ser tão prontamente sério, trágico, profundo — e leve. O próprio Stanislavski, algumas vezes, não conseguia tanta leveza. Nunca detectei no trabalho de Lenski a sensação de esforço visível; havia sempre aquela leveza, aquele ar de festividade. Acho que isto se deve em grande parte ao fato de Lenski ter trabalhado muito em musicais; é uma boa escola para a comédia e mesmo para a tragédia.

———— X ———

Em minha vida já tive oportunidade de assistir a uns quinze ou vinte Hamlets; nenhum deles foi igual, todos tinham algo de diferente entre si. Em comum só tinham uma coisa: todos se vestiam de preto.

———— X ———

“Shakespearizar” algo certamente não significa voltar à técnica teatral dos tempos de Shakespeare; significa, sim,

assimilar em cima de um novo material sua multiplicidade de níveis, sua força impulsiva e seu senso de grandiosidade.

———— X ———

Alguém me disse que um dia, durante uma séria discussão política, Lenin (e nós sabemos como ele era capaz nos debates!) ao tempo que discutia com seu interlocutor, acariciava um cachorro por baixo da mesa. Este detalhe me faz ver a força do equilíbrio mental de Lenin. Tais detalhes são preciosos para um ator, ao construir seu personagem. Estou falando de grandes atores, é claro...

———— X ———

Meu credo: uma linguagem teatral simples e lacônica que suscite associações complexas.

———— X ———

Um pouco antes de sua saída, fique perto da porta! Perto! Isto é uma regra! Quanto mais perto você estiver da porta, maior o efeito provocado de sua saída. Em momentos cruciais, são segundos de tempo cênico e milímetros de espaço no palco que decidem tudo.

———— X ———

O objeto que você segura em cena deveria ser como um prolongamento natural de sua mão.

———— X ———

Quando é outono você vê uma árvore perder suas folhas, ela parece morrer. Mas pelo contrário, ela está se preparando para viver de novo, renovada. Não há árvore que floresça o ano todo e nem há artistas que não atravessem períodos de crise, declínio e de dúvidas. O que você pensaria de jardineiros que derrubassem árvores que perdessem suas folhas no outono? Os artistas não podem ser tratados com tanta confiança e cuidado como as árvores?

———— X ———

Os críticos gostariam que o amadurecimento do artista se desse atrás de cortinas e portas fechadas. Mas nós crescemos, pesquisamos, erramos e descobrimos as coisas à vista de todo mundo, em colaboração com o espectador. É o sangue derramado nas batalhas que faz o general. Os artistas devem aprender através do próprio sangue derramado... E o que é um erro, afinal? O erro de hoje bem pode ser o acerto de amanhã.

(Extraído de *Encore*, 1964, 2, 6)

TEXTO PARA ESTUDO:

"ESTA PROPRIEDADE ESTÁ CONDENADA"

(TENNESSEE WILLIAMS)

(trad. THAIS DO A. BALLONI)

(A cena se passa no campo, à beira de uma estrada de ferro. Tom está em cena e Willie vem chegando, equilibrando-se nos trilhos)

TOM — Oi! Quem é você?

WILLIE — Não fale comigo até que eu caia... Toma... pegue a minha boneca maluca... por favor...

TOM *(Tentando alcançar a boneca)*
Pode dar agora...

WILLIE — Eu não quero... quebrá-la... quando cair! Acho que não vou conseguir... continuar... por muito mais tempo... e você?

TOM — É...

WILLIE — estou quase... caindo... agora! *(Tom tenta ajudá-la)*. Não, não me toque! Se me ajudar não será a mesma coisa. Você tem que fazer sozinho! Deus, estou tremendo! Não sei o que me fez ficar tão nervosa! Está vendo aquela caixa lá atrás?

TOM — Sim.

WILLIE — Foi lá... onde... comecei! Nunca fui tão... longe antes... sem ter... caído pelo menos uma vez... Isto, se eu conseguir... me manter aqui... até o próximo poste telefônico! Oh, estou caindo!

TOM — Machucou-se?

WILLIE — Esfolei o meu joelho um pouco. Felizmente estou sem minhas meias de seda.

TOM — Passe cuspe. É bom pra parar de arder.

WILLIE — Está certo.

TOM — Sabe, é remédio de bicho. Eles sempre lambem os ferimentos.

WILLIE — Eu sei. O pior foi minha pulseira, acho que perdi um dos brilhantes. Onde estará?

TOM — Você nunca irá encontrá-lo no meio de tanto carvão.

WILLIE — Quem sabe? Ele brilhava tanto...

TOM — Não era diamante de verdade.

WILLIE — Como sabe?

TOM — Apenas acho que não era. Porque se fosse, você não estaria andando pelo trilho do trem com uma boneca rota e uma banana podre na mão.

WILLIE — Ora, eu não estaria tão certa. Eu posso ser diferente, ou coisa assim. Nunca se sabe. Qual o seu nome?

TOM — Tom.

WILLIE — O meu é Willie. Nós dois temos nomes masculinos.

TOM — Como foi isso?

WILLIE — Esperava que eu fosse um menino. Eles já tinham uma filha. Alva. Ela era minha irmã. Por quê não está na escola?

TOM — Eu pensei que fosse ventar para eu soltar a minha pipa.

WILLIE — Pensou? Por quê?

TOM — Porque o céu estava tão branco...

WILLIE — E isto quer dizer que vai ventar?

TOM — É.

WILLIE — Ah, sei. Parece que tudo aqui foi varrido por um vendaval, não parece?

TOM — É.

WILLIE — Está mesmo muito branco. Tão branco quanto uma folha de papel.

TOM — Uh — huh.

WILLIE — Mas não está ventando.

TOM — Não.

WILLIE — O vento está muito lá no alto prá gente poder senti-lo.

TOM — Hh-huh. Por quê você não está na escola?

WILLIE — Eu abandonei. Dois anos antes deste último inverno.

TOM — Em que ano você estava?

WILLIE — No quinto.

TOM — Com Miss Preston.

WILLIE — É. Ela sempre pensava que estava com minhas mãos sujas, até eu explicar que era carvão. Sabe, de tanto cair daqui dos trilhos.

TOM — Ela é bastante severa.

WILLIE — Oh, não. Ela apenas vive um pouco desapontada por não ter casado. Coitada, vai ver nunca teve nenhuma oportunidade. Por isso tem que lecionar no quinto ano, até o resto da sua vida. Começaram com aulas de álgebra, mas eu nem me incomodava com o que significava aquele “X”, logo, deixei os estudos.

TOM — Você nunca vai aprender nada, andando por estes trilhos.

WILLIE — E você não vai conseguir fazer voar a sua pipa também. Além do mais...

TOM — O quê?

WILLIE — Uma menina precisa é de preparo social. Eu aprendi isto

com minha irmã Alva. Ela era muito popular entre os ferroviários.

TOM — Maquinistas?

WILLIE — Maquinistas, bombeiros, condutores. Até mesmo com o superintendente. Possuímos uma pensão para ferroviários. Você poderia chamá-la, talvez, de “A Atração Principal”. Se era bonita? Nossa, ela parecia uma artista de cinema.

TOM — Sua irmã?

WILLIE — É. Um deles, sempre que voltava de viagem trazia uma enorme caixa vermelha, com formato de coração, cheia de chocolates, amêndoas, balas de todos os tipos. Lindo, não?

TOM — É.

WILLIE — Você sabe onde Alva está agora?

TOM — Em Memphis?

WILLIE — Não.

TOM — Nova Orleans?

WILLIE — Não.

TOM — Sant Louis?

WILLIE — Você nunca descobrirá.

TOM — Então, onde está ela?

WILLIE — Ela está no pomar-dos-ossos.

TOM — O quê?

WILLIE — Pomar-dos-ossos: cemitério; você não compreende inglês?

TOM — Claro. Lá é muito bonito.

WILLIE — Você não sabe de nada. Nós tivemos grandes momentos naquela casa amarela.

TOM — Aposto que sim.

WILLIE — Instrumentos tocando o tempo todo.

TOM — Instrumentos? Quais?

WILLIE — Piano, vitrola, guitarra havaiana. Todos tocavam alguma coisa. Mas agora está... terrivelmente quieta. Você não ouve nem um som vindo de lá, ouve?

TOM — Não. Ela está vazia?

WILLIE — Somente eu vivo lá. Eles fincaram uma tabuleta enorme no jardim.

TOM — E o quê ela diz?

WILLIE — “Esta Propriedade está condenada”! Está mesmo muito branco. Tão branco como uma folha de papel. Até logo.

TOM — Até logo...



OS ADVOGADOS

COMÉDIA

(Novembro de 1668)

AO LEITOR:

Quando li a obra de Aristófanes (*Les Guêpes*), jamais poderia imaginar que um dia viria a escrever *Os Advogados*. Confesso, todavia, que a obra de Aristófanes muito me divertiu, e que ali pude encontrar uma série de gracejos, que imaginei poder levar a nosso público, embora com uma condição: aquela arte, por mim reescrita, teria de ser encenada por atores italianos, a meu ver, os mais indicados para tal empreendimento. O juiz que salta pela janela e o cão condenado à prisão, para o desespero de sua prole, pareciam-me incidentes e peripécias dignas de um Scaramouche. Mas a saída deste ator interrompeu minhas expectativas, ao mesmo tempo em que fez nascer em alguns de meus amigos a idéia de ver alguma obra de Aristófanes encenada em nosso teatro. A princípio relutei. Disse-lhes que, apesar de minha estima por aquele autor, não o tomaria por modelo, caso viesse a escrever uma comédia; que me inclinaria mais a imitar a regularidade de um Menandro e de um Terêncio à liberdade de um Plauto e de um Aristófanes. Responderam-me que não era uma comédia o que queria de mim, apenas gostariam de saber qual seria o efeito, em nossa língua, das “boas palavras” de Aristófanes. Assim, não só me encorajando, como também me ajudando, e de fato metendo mãos à obra, meus amigos fizeram-me começar esta peça, que não tardou a ser concluída.

Entretanto, o público não quer saber das intenções, zelos ou cuidados do autor. Examinaram meu humor como o fariam diante de uma tragédia. Mesmo aqueles que então mais se divertiram, tiveram medo de não terem rido conforme as regras clássicas, e acharam ruim, criticando-me por não ter-me esforçado mais seriamente por lhes fazer rir. Outros imaginaram que seria de bom tom sentirem-se aborrecidos e entediados, na crença de que os assuntos da Justiça não poderiam servir de tema de en-

tretenimento para os da Corte. Mas a peça foi encenada logo a seguir em Versailles. Ali não se regateou o riso; e aqueles que pensaram ser uma desonra rir em Paris, houveram por bem — talvez por medo de serem mal-vistos — fazê-lo em Versailles.

Os meus críticos estariam errados também, ao me censurar pela fadiga que, dizem, lhes causei pela fraseologia jurídica empregada. Na verdade, tal jargão me é tão estranho quanto a qualquer outra pessoa igualmente não-iniciada em seu estudo. Apenas me vali de alguns termos que aprendi ao curso de um processo. Processo este, aliás, que nem os juízes nem eu mesmo chegamos a compreender muito bem.

Se é que não os entendi mal, meus críticos dizem que pessoas sérias não tratam de bagatelas, tais como o processo de um cão ou as extravagâncias de um juiz. Mas enfim, eu traduzi Aristófanes, e não devemos nos esquecer que ele se dirigia a platéias bem exigentes. Os atenienses conheciam bem o “Sal da Ática” e estavam seguros de que, quando se riam de algo, este algo não era mera parvoíce.

Por mim, acho que Aristófanes tinha razão ao levar os acontecimentos pouco além do verossímil. Os juízes do Aerópago talvez também não tenham achado graça em se verem retratados como seres ávidos de dinheiro, assessorados por chantagistas, e tendo de agüentar as fanfarrônicas de seus advogados. Foi necessário alterar um pouco os personagens, a fim de impedir que fossem prontamente reconhecidos. O público, no entanto, não deixou de ver o verdadeiro através do ridículo; e eu estou seguro de que foi melhor abordar a impertinência de dois oradores em torno de um cão acusado do que apresentar o julgamento de um verdadeiro criminoso e sua eventual condenação.

Mas aconteça o que acontecer, posso dizer que nosso século em matéria de humor, não é melhor nem pior do que o século de Aristófanes, e que, se o fim de minha comédia é fazer rir, acredito ter alcançado tal objetivo. Não é que eu espere grandes honrarias pelo fato de ter, durante algum tempo, divertido o público. Mas sinto uma imensa satisfação por tê-lo feito sem lançar mão de equívocos grosseiros ou de gracejos indecorosos, que atualmente parecem custar tão pouco à maioria de nossos escritores, que assim fazem o teatro recair na torpeza de onde outros autores mais modestos já o haviam retirado.

JEAN RACINE

OS ADVOGADOS

RACINE

Comédia em três atos

Tradução e adaptação
BERNARDO JABLONSKI

PERSONAGENS:

BUTANTAN, o juiz.
LEANDRO, filho de Butantan, e também seu secretário.
CORONEL PORCOESPINHO, fazendeiro.
ISABEL, filha de Porcoespinho.
VIÚVA CORONEL PINIMBA, senhora da sociedade local.
JONJOCA, escrivão.
ANACLETO, despachante.
PONTO.

AÇÃO E LOCAL:

A peça, com pequenas adaptações, pode-se passar em qualquer cidade de médio porte, onde haja advogados, juizes, promotores, oficiais de justiça, etc. etc. etc...

Em princípio, estipula-se uma cidade do interior, Brasil, início do século. A ação se passa em frente à casa do Meretíssimo juiz.

PRIMEIRO ATO

CENA I

(*Entra Jonjoca, o escrivão, carregando um enorme e pesado saco cheio de processos. Dirige-se à platéia.*)

JONJOCA — Meu amigos, bem diz o povo, com toda a razão que Deus lhe deu, que o homem que se fia muito no futuro, e que nele deposita todas as suas esperanças, ou é muito louco ou então vai ficar em breve. E, aquele que a gente vê hoje sorrindo e todo feliz da vida, é bem capaz de estar chorando pelos cantos amanhã bem cedo. Bom, mas para encurtar a introdução, fiquem vocês sabendo que

já vai para um ano que eu estou trabalhando aqui com o nosso querido e excelentíssimo doutor juiz Butantan — juiz desta mui ilustre comarca —, que me mandou buscar de minha terrinha boa para ser e me tornar o seu diligente, capaz e honesto escrivão. Então, eu logo descobri que no fundo e por trás de todas aquelas poses, reverências, formas legais e outras sutilezas, o que havia na verdade era... Bem, o que realmente havia eu conto depois quando tiver um tempinho livre. Só digo uma coisa: só se aprende a uivar bem e como se deve, morando e trabalhando entre lobos. Assim, esperto como sou, fui desde o início um brilhante aprendiz, sempre alerta e atento. Bastou imitar meus colegas de ofício, a minha mão direita sempre aberta (*faz o gesto característico de quem pede dinheiro*) para todos, sem exceções, na mais pura e cristalina de todas as democracias. A minha passagem, logo depois que todos perceberam as minhas rígidas convicções e meu modo de trabalho, falava-se baixo e com respeito: “Ilustre senhor escrivão, como tem passado?” Pois é, distinta platéia, você sabem tão bem como eu que sem dinheiro no bolso, a honradez e o respeito não passam de uma miserável doença. Escrivão idiota é que eu não sou, e com reverências ou sem elas, ninguém é jamais admitido na sala do excelentíssimo doutor juiz de direito sem que antes coloque em minha mão o precioso papel. Pois a verdade nua e crua é esta mesmo: sem dinheiro vivo na mão o distinto freguês encontrará as portas do tribunal hermeticamente trancadas. É verdade que a ele (*aponta a janela do juiz*), eu dava também algum (*faz o gesto de dinheiro*). O que é que há? Afinal eu não sou nenhum egoísta! Mas... Infelizmente, nestes últimos tempos tudo mudou, e para pior. É que o senhor doutor juiz de direito tem se comportado de um modo bem estranho, parecendo mesmo um pouco afetado (*com os dedos faz o gesto de loucura*). Passa o dia todo balbuciando sentenças e julgamentos, olha para todos nós como se fossemos reles malfetores e criminosos, e quer nos

levar a todos, amigos, parentes e puxa-sacos até às barras do tribunal. Agora só dorme de toga e de barrete e segura sempre em suas mãos o martelo com o qual passa as suas inumeráveis e agora incompreensíveis sentenças. Imaginem que ontem mandou prender o galo, acusando-o de não o ter despertado na hora de costume. Preocupado com tal situação, Leandro, seu filho, me pediu que o vigiasse, que tomasse conta do senhor juiz com amor e carinho, para que — quem sabe — deixando de trabalhar por uns tempos, ele volte ao normal. Mas por hoje chega que eu também não sou de ferro. Afinal passei a noite toda aqui a velar pela paz e pelos bons sonhos do meretíssimo, e está na hora do merecido repouso. Vou me deitar por aqui mesmo e puxar um ronco. Até mais, gente boa.

CENA II

Jonjoca e Anacleto Despachante

(*Entra Anacleto e encontra Jonjoca deitado ao pé da janela do senhor juiz. Procura despertar o amigo.*)

ANACLETO — Êi, Jonjoca! Êi, acordar seu! Que é que você está fazendo aí tão cedo, esparramado na calçada?

JONJOCA — (*Ainda sonolento*) Hum? O que é que eu estou fazendo? Dormindo, ora! Depois de se passar uma noite inteira acordado, o melhor que se tem a fazer é dormir, certo? Pois então. E ainda por cima o juiz entre um sonho e outro, berrou como um louco a noite toda, parecia possuído pelo demônio. Eu ainda tentei fazê-lo acalmar-se dizendo que pensasse nos vizinhos. Ou então que pensasse pelo menos em mim, que queria dormir um pouquinho. Sabe o que ele me respondeu? “Se você quer dormir, apresente uma petição na forma da lei, manifestando a sua soberana vontade, com testemunhas, de que maneira quer dormir, se com sonhos ou sem sonhos, ou se para o lado direito ou para o lado esquerdo, e, logicamente não esquecendo todas as firmas reconhecidas nos cartórios competentes, e tenho dito”. E

dizia tudo isso de maneira grave e solene. Então, compreendeu?

ANACLETO — Quase nada.

JONJOCA — Dane-se. Vou dormir assim mesmo. Boa noite!

ANACLETO — Você é que está louco, homem! Que boa noite, o que! Bom dia, isso sim!

(Ouvem-se vozes e muito barulho provenientes da janela do juiz.)

ANACLETO — Mas o que é isso?

CENA III

Jonjoca, Anacleto e Butantan

(Butantan aparece à janela, olhos esbugalhados. Berra como um posses- so.)

BUTANTAN — Jonjoca! Anacleto!

ANACLETO — *(Baixo, à Jonjoca)* Meu Deus!

BUTANTAN — Onde estão os meus auxiliares? Cadê os meus conselheiros? Vagabundos, desocupados, vadios! Todos ao trabalho, à Corte, ao Tribunal! Ah, já sei! Com certeza, todos já me esperam na sala de audiências. Logo, para poupar tempo e encurtar caminho, salto pela janela.

ANACLETO — Meu Deus!

JONJOCA — Espere, senhor juiz, deixe-me segurá-lo!

BUTANTAN — Aos braços da justiça!

(Butantan salta nos braços de Jonjoca e Anacleto, que não aguentam seu peso. Todos vão parar no chão.)

CENA IV

Leandro, Butantan, Anacleto e Jonjoca

LEANDRO — Papai! O que é que o senhor está fazendo na rua tão cedo? O que é que aconteceu?

BUTANTAN — Então, seu pateta, você não está vendo? Eu estou indo para o Tribunal. Eu vou julgar, condenar, processar, arquivar, desarquivar, ouvir as testemunhas, as comadres, as vizinhas, e se possível, fazer passar toda a cidade pelo banco dos réus!

LEANDRO — Mas, papai, o senhor não vai poder julgar ninguém a estas horas, ainda estão todos dormindo!

BUTANTAN — E daí? Eu não estou dormindo, e é o que interessa.

JONJOCA — Eu também não estou dormindo.

BUTANTAN — Julgarei a todos, na forma da lei, com a sala cheia ou vazia, com ou sem as testemunhas. Afinal, meu filho, a Justiça é cega ou não é?

LEANDRO — Mas papai...

BUTANTAN — Durante três meses eu vou me trancar na sala de audiências, e para isto eu já fiz as minhas provisões de processos, súmulas e de pareceres.

LEANDRO — Não, papai, por favor, é melhor não sair. Pense na sua saúde! É muito melhor dormir e comer em casa. Não é mesmo, amigos?

(Anacleto e Jonjoca concordam.)

BUTANTAN — Saúde? Pois eu prefiro ficar doente.

LEANDRO — Doente, o senhor já está, papai. O senhor precisa descansar. Olhe-se no espelho. O senhor está que é pele e ossos.

BUTANTAN — Descansar? Eu? E o que é que vão dizer de mim? E o que vai ser da moral e dos bons costumes sem a minha presença irreversível? E a ordem constituída? E as famílias, quem zelará por elas? E o dinheiro? O dinheiro não vem tão facilmente como muita gente pensa! Isto é que não. Fique você sabendo que cada um de seus termos me custou uma sentença, por mim lavrada e assentada e — claro — na forma da lei. Não se envergonhe nunca de ter nascido filho da pública autoridade judiciária! Todos os nossos ilustres antepassados da gloriosa e digna família dos Butantans foram juizes de direito, todos nascidos e enterrados de borla e capelo, e com o martelo em punho. E tinham razão, pois melhor profissão não há. Compare você mesmo preço por preço cada um dos presentes que recebe um juiz e um outro funcionário público qual-

quer, durante as festas de final de ano! Não tem nem comparação! Estes funcionários públicos, estes barnabés, o que é que eles podem vir a ser? Hein? No máximo conseguem ser puxa-sacos de porta de gabinete, mãos vazias e olhar subnutrido! Dá até nojo! Ainda por cima vêm até a minha sala pedindo pequenos favores, como um bando de galinhas assustadas! E é assim que devem ser tratados, meu filho! Ah, meu filho querido, será mesmo que você não sabe nada? Nada aprendeste do que tua mãe te ensinou? Ah, a mãezinha! Querida e saudosa Malvina! Que mulher! Nunca faltava a uma audiência! E lá no Tribunal, não me largava nunca! E o Bom Deus bem sabe que ela jamais — JAMAIS — ousou voltar pra casa de mãos vazias. Ah, isto é que não! Caso fosse necessário levaria consigo até as calças das testemunhas, mas nunca de mãos vazias. Aliás é assim mesmo que se constroem as grandes famílias e as boas fortunas! E você, meu filho, pateta, você não passa de um imbecil.

LEANDRO — Papai, chega! Pára de falar. Jonjoca, leva o seu patrão lá pra cima, pois ele está precisando de um bom repouso. Coloque-o na cama, feche a porta e a janela. Não deixe ele sair de jeito nenhum. Se for necessário erga barricadas. Não deixe ele sair, pelo amor de Deus!

JONJOCA — É pra já, patrãozinho!

LEANDRO — É melhor ficar ao seu lado até ele dormir.

BUTANTAN — Eu, juiz de direito, jamais pregarei o olho sem que antes tenha diante de mim em sua forma legal, assentada, registrada e assinada a petição, onde se leia como, quando, onde e por quanto tempo deverei dormir! As leis foram estabelecidas para serem respeitadas. Pois o que seria do mundo e da sociedade sem os vereditos civis e penais...

LEANDRO — Papai, piedade! Chega, chega! Jonjoca, anda com isto!

(Jonjoca sai empurrando Butantan que prossegue sua catilinária até sair de cena.)

CENA V

Leandro e Anacleto

LEANDRO — Espera Anacleto. Eu quero falar com você, e sem testemunhas por perto.

ANACLETO — Mas o que há? Por que o segredo?

LEANDRO — Você já vai saber. Sabe Anacleto, assim como meu pai, eu também tenho a minha loucura.

ANACLETO — Não diga! Você também vai ser juiz?

LEANDRO — Não, não é nada disso. Aliás você já sabe do que se trata, há?

ANACLETO — Ah, já estou entendendo de que loucura se trata. Estamos falando da sua paixão por Isabel, não é isto? Ah, o amor já agita o seu coração de manhã cedo, não é mesmo?

LEANDRO — Não brinca, Anacleto.

ANACLETO — Leandro, eu já te disse mil vezes que ela é bela, inteligente e encantadora. Mas também já te disse mil vezes que ela é filha do coronel Porcoespinho, que parece ter como único prazer na vida consumir sua fortuna em intermináveis e custosos processos. O sonho dele é fazer passar toda a cidade pelo tribunal. Vive acusando todo mundo de tudo. Você já sabe, ele agora é vizinho do juiz (*aponta a casa ao lado*). Capaz de se darem bem. Um só pensa em julgar e o outro em processar.

LEANDRO — Eu já sei de tudo isso, mas continuo apaixonado por Isabel.

ANACLETO — Ué! E qual é o problema? Vá lá, fale com o pai dela e marque o dia do casamento. Bem, provavelmente, em vez da mão dela você vai ganhar mesmo é um processo...

LEANDRO — Pois é, eu sei que não vai ser fácil. O coronel é um selvagem, e da pior espécie. E a menos que se seja um procurador da justiça, da alta cúpula judiciária ou um desembargador, não se pode chegar nem perto de Isabel, pois o pai não permite. E a pobrezinha — triste e magoada — passa os dias trancada

em sua própria casa, como se estivesse numa prisão. Dissipa-se sua juventude através de seus lamentos, o meu amor se esvai em fumaça e a fortuna do pai se perde em processos sem fim. Ele acabará por arruinar-se se ninguém o impedir.

ANACLETO — Eu acho que você deveria tentar assim mesmo. Afinal você é o filho do juiz.

LEANDRO — Não, Anacleto, não basta. Mas escuta; o que eu quero te pedir é o seguinte: por acaso você não conhece algum honesto vigarista em quem se possa confiar sem problemas, e que mediante excelente propina se propusesse a passar por alguém que não é? Trata-se de um plano que estou arquitetando.

ANACLETO — Achar um vigarista? Coisa mais fácil do mundo. Dê-me cinco minutos.

LEANDRO — Mas espera. Tem de ser alguém familiarizado com as coisas da lei. É para que possa fingir ser um Oficial de Justiça, entende?

ANACLETO — Ah, mas tem razão, não pode ser qualquer vigarista. O caso requer mão de obra especializada...

LEANDRO — Então?

ANACLETO — Espera, caramba, estou pensando. Puxa, se meu falecido pai ainda estivesse por aqui, seria ele certamente o homem mais indicado. Que grande Procurador a Justiça perdeu! Em um dia de trabalho nesta especialidade similar e com seu estilo incomparável, ganhava mais do que qualquer colega de profissão em seis meses de trapagens, quero dizer, de trabalho. Meu pai, em seu ardor profissional, e caso fosse necessário, era capaz de atuar e prender a si mesmo e a toda sua família, sem a menor hesitação. E se em toda a jurisdição houvessem por exemplo umas vinte trapagens, daquelas bem feitas e bem remuneradas, garantilhe que pelo menos umas dezoito seriam de autoria do meu diligente pai, um verdadeiro artista, um profissional do maior talento!

LEANDRO — Acredito piamente.

ANACLETO — Mas agora, pensando bem. Por acaso não sou eu o filho do Mestre? Hein? Então? Deixe comigo,

eu mesmo lhe servirei. Pode dizer, do que se trata?

LEANDRO — Mas você, Anacleto, um despachante?

ANACLETO — Ué, tanto melhor! Terás o serviço bem despachadinho!

LEANDRO — É mesmo, por que não? Você levaria ao pai de Isabel uma falsa intimação?

ANACLETO — Oh, Oh, café pequeno!

LEANDRO — E à Isabel? Você lhe entregaria um bilhete?

ANACLETO — Por que não? Fazer jogo duplo, enganar, trapacear. Está tudo aqui no código genético, oh! (*aponta*)

LEANDRO — Vem cá, vamos conversar em outro lugar. Vem gente aí.

CENA VI

Porcoespinho e Jonjoca. Criados.

(*Entra Porcoespinho, apressado e nervoso. Anda de um lado para outro e gesticula muito.*)

PORCOESPINHO — E que em minha ausência ninguém entre sem a minha expressa autorização! E guardem bem a casa, senão depois terão de se haver comigo! Ei, você aí, leve esta carta até o correio. Você, escolha três boas galinhas, coloque-as num saco e as leve de presente até a casa do meu advogado. Imediatamente, animal! E se por acaso o idiota do seu assistente aparecer por aqui, faça-o provar a minha aguardente, talvez assim fique menos apatetado. Ah! Talvez também apareça por aqui um homem alto, magro e muito sério, que me serve de testemunha sempre que dele preciso. Mande ele me esperar. Agora eu vou visitar o doutor juiz de direito. Quero vê-lo antes que saia para o tribunal. Afinal, já são quatro horas da manhã! Batamos à sua porta!

JONJOCA — (*falando ainda de dentro*) Porra, mas já! Já vai, porra, JÁ VAI! (*entrebre a porta*) Quem é?

PORCOESPINHO — Posso ver sua excelência?

JONJOCA — (*batendo a porta*) Não!

PORCOESPINHO — Eu poderia dizer uma palavrinha ao excelentíssimo senhor seu secretário?

JONJOCA — *(ainda de dentro)* Não.

PORCOESPINHO — E ao excelentíssimo senhor escrivão?

JONJOCA — *(abrindo)* É eu mesmo.

PORCOESPINHO — Ah, muito prazer. Estou encantado por ter conhecido pessoa tão amável e solícita! Por favor, queira receber esta pequena gratificação *(coloca na mão do escrivão algumas notas)*.

JONJOCA — Muito honrado em conhecê-lo. Volte amanhã *(fecha a porta)*.

PORCOESPINHO — Ora essa é muito boa! Isto é que não, e se é assim devolva o meu dinheiro! Vejam só! Assim, sinceramente, eu não sei onde vamos parar. Este mundo está ficando uma coisa de louco! Eu bem me lembro que em outros tempos meus processos não me davam muitos problemas, e que quaisquer cem mil réis já me faziam ganhar bem uma meia dúzia deles. Mas, vejam vocês, parece que hoje em dia toda minha fortuna não é mais capaz de ganhar nem as boas graças e a simpatia de um merda de um escrivão. Mas deixe-me calar minha boca que aí vem a viúva coronal Pinimba.

CENA VII

Porcoespino e Viúva Pinimba

PORCOESPINHO — Bons dias, sinhá Pinimba!

V. PINIMBA — Bons dias, coronel.

PORCOESPINHO — Hoje, já não se entra mais.

V. PINIMBA — Ah, meu Deus! Sabia, cheguei atrasada, e tudo por causa dos imbecis dos meus empregados, que já não querem mais trabalhar. Imagine que sou eu mesma que tenho de despertá-los às duas da manhã. E olhe que faço questão que todos durmam cedo, no máximo à meia noite.

PORCOESPINHO — Pois é, e logo hoje que precisava tanto falar com sua Senhora.

V. PINIMBA — E eu que não o vejo há mais de dois dias!

PORCOESPINHO — Meus inimigos estão à solta, conspirando contra mim, contra minha família, contra a

minha fortuna. E nestes dias de hoje, tudo pode acontecer, sinhá Pinimba.

V. PINIMBA — Ah, coronel, depois do que fizeram comigo, o senhor nem imagina! Pra mim o mundo acabou!

PORCOESPINHO — É, mas eu tenho meus direitos. Lutarei até o fim, com unhas e dentes se for preciso!

V. PINIMBA — Ah, o que fizeram comigo, o que fizeram comigo! Que maldade! Que sentença injusta e cruel!

PORCOESPINHO — Ah é? Mas contem-me, Dona Pinimba, eu estou aqui para ouvi-la.

V. PINIMBA — O senhor nem vai acreditar na perfídia de que fui vítima! Na injustiça que sou!

PORCOESPINHO — Como não! Como estou no mesmo pé que a senhora, ninguém melhor para ouvi-la. A senhora não sabe, mas eu também estou em situação bastante parecida.

V. PINIMBA — Imagine o senhor...

PORCOESPINHO — Eu vou lhe contar os fatos tal como aconteceram. Há mais ou menos uns vinte anos atrás, um burrico atravessou o meu pasto. Ali, se deitou e rolou o perverso, e me fez alguns estragos. E eu, imediatamente, apresentei queixa na forma da lei ao juiz aqui da comarca. De acordo com os trâmites e com as rotinas legais, eu fiz com que se apreendesse o burrico, malfeitor, subversivo, inimigo da paz social. Um perito foi então nomeado, que depois de muitos estudos, altos salários e muita conversa, fixou o prejuízo em dois sacos de feno. Mas o dono do burrico apelou, e depois de um ano de processo, uma sentença foi lavrada, pela qual, eu perdia a indenização. Indenização esta a que eu tinha todo o direito como a senhora e todos podem muito bem ver. Que fiz eu? Apelei a um tribunal de instância superior, é claro! E durante o desenrolar das novas e sucessivas audiências — ah, nestas alturas, o burrico já tinha vindo a falecer —, mas, durante a nova tramitação, o meu advogado, o doutor Calote, que por sinal é muito vivo, obteve ganho de causa através de uma sentença de encomenda, conseguida mediante uma nota firme! Mas do que me adiantou?

Nada! Meu litigante opôs-se à execução da sentença, na forma da lei, é claro! Mas eis que durante estas novas jurisprudências e litispêndências, onde as mais dignas e altas autoridades emitiam longos, confusos e sempre bastante caros pareceres legais, um outro catastrófico acidente vem a ocorrer. A senhora nem poderia imaginar o que ocorreu! A outra parte querelante, agora mortal inimigo, o meu opositor passa a deixar, a permitir que — impunemente — as suas galinhas, pintinhos e galos, venham ao meu prado ciscar e beliscar à vontade! Imediatamente comuniquei o grave acontecimento à Corte de Justiça. Esta, por unanimidade, decidiu nomear uma comissão de inquérito para averiguar quantas grammas de feno pode uma galinha ciscar em um dia. Enfim, os novos autos foram juntados ao processo original, já enorme e volumoso. E eu pagando as novas contas, taxas e salários dos peritos. Então todos os fatos, explicações, testemunhos, enquetes, relatórios, compulsórias, mandatórias, mandados — tudo bem lacrado, autenticado e passado em cartório em três vias — foram enviados ao superior e egrégio tribunal de magna instância! Mas depois de quatorze audiências, trinta apelações, seis recursos ao tribunal de alçada, vinte e seis ao de segunda instância e vinte consultas aos autos, eis que em sentença final, o resultado me é fatal! Eu perdi a minha causa! E ainda por cima sou obrigado a pagar todos os custos legais, orçados em onze mil e trezentos sacos de feno. Agora diga-me por favor: isto é que é fazer justiça? É assim que se julga nos dias de hoje? E depois de vinte anos? Ah, mas ainda me resta um recurso! Vou apelar ao recém inaugurado tribunal de terceira instância, que não sei bem porque possui e goza agora de um imenso poder e consideração. Pois é, dona Pinimba! É isto! Mas a senhora também como ia dizendo, está advogando uma causa?

V. PINIMBA — Ah, que Deus na sua...

PORCOESPINHO — Ah, mas desta vez, se a coisa não estiver indo bem, eu vou lá e queimo os processos.

V. PINIMBA — Mas coronel, me deixe também...

POBCOESPINHO — Imagine, onze mil e trezentos sacos de feno! E o raio do burrico já está morto e enterrado!

V. PINIMBA — (*Começa berrando a fim de evitar que o coronel a interrompa outra vez*) SENHOR CORONEL, IMAGINE QUE TODOS OS MEUS MILHARES DE PROCESSOS já estavam prestes a terminar, e só me restariam algumas poucas dezenas deles de menor importância, entre os quais um contra o meu falecido marido, outro contra meu pai e ainda um contra um dos meus cinco filhos, QUANDO ENTÃO, aconteceu o inimaginável! Não sei com que infernal artifício — parece que de cunho médico legal — conseguiram eles, os meus opositores, arranjar uma sentença que simplesmente me proíbe de dar entrada em qualquer tribunal do estado com qualquer apelação, acusação ou contestação! Estou proibida de advogar qualquer causa!

POBCOESPINHO — Proibiram-na de demandar... pleitear?

V. PINIMBA — Sim, de pleitear! E agora, que me importa a vida?

POBCOESPINHO — Realmente, a sentença é cruel! Eu estou surpreso com tanta maldade.

V. PINIMBA — Eu estou desesperada! As bordas do suicídio! Que me importam as jóias, o dinheiro, os vestidos, os criados, as terras, se eu não posso mais querelar?

POBCOESPINHO — Atar as mãos de uma pessoa com o seu talento, é inequivocamente uma grande maldade. Mas quantos à finanças, não lhe confiscaram nada, pois não?

V. PINIMBA — De finanças, ainda vou bem, graças a Deus, mas viver sem processar os outros, sem criar caso, isto é por acaso viver feliz?

POBCOESPINHO — Mas desde quando a senhora cria casos, digo, querela?

V. PINIMBA — Eu não me lembro muito bem, mas acho que pelos menos há uns trinta anos.

POBCOESPINHO — Realmente, muito pouco tempo.

V. PINIMBA — Pois então!

POBCOESPINHO — Sem querer passar por mal educado, a sua idade, qual é, dona Pinimba?

V. PINIMBA — Quarenta e cinco anos, bem vividos!

POBCOESPINHO — É verdade? Pois nem parece! A senhora está muito bem conservada.

V. PINIMBA — Que é isso, coronel!

POBCOESPINHO — Quarenta e cinco anos! Bela idade para se frequentar os tribunais!

V. PINIMBA — Ah, mas deixe estar que isto não vai ficar assim não, coronel! Eles ganharam a batalha, mas não ganharam a guerra! Eu vou apelar, e desta vez eu serei implacável, irredutível! E se for preciso vendo até as minhas anáguas! Será tudo ou nada! Verão o que é querelar contra a Viúva Coronel Pinimba!

POBCOESPINHO — Senhora, eu estive aqui pensando e tive uma idéia! Acho que eu já sei o que deve ser feito!

V. PINIMBA — Ah, diga-me senhor Coronel! Acredito no senhor como em meu próprio pai.

POBCOESPINHO — Eu vou me encontrar com o juiz...

V. PINIMBA — Ah, eu também irei...

POBCOESPINHO — E me jogarei aos seus pés.

V. PINIMBA — Ah, eu me jogarei também! Ah, mas que ótima idéia o senhor teve!

POBCOESPINHO — A senhora quer fazer o favor de me escutar?

V. PINIMBA — Mas eu estou escutando! Já vi que o senhor sabe como proceder devidamente.

POBCOESPINHO — Obrigação, mas como eu ia dizendo...

V. PINIMBA — Sim, sim. Ah, que sorte eu ter encontrado o senhor aqui!

POBCOESPINHO — Bem eu irei sem hesitações encontrar-me com o juiz!

V. PINIMBA — Isto mesmo, sem hesitar nada. Se eles percebem que estamos hesitando...

POBCOESPINHO — Madame, se a senhora não parar de falar, serei eu quem vai se calar.

V. PINIMBA — Ih, mas que nervoso! Não precisava implicar nem ser grosseiro, precisava?

POBCOESPINHO — Bem, EU vou me encontrar com o meu juiz, e lhe direi o seguinte...

V. PINIMBA — Muito bem...

POBCOESPINHO — E lhe direi o seguinte: Excelência...

V. PINIMBA — Excelência...

POBCOESPINHO — Eu quero que Vossa Senhoria mande me prender.

V. PINIMBA — Eu quero que Vossa Senhoria... Hein? O que? Não senhor! Eu não quero ser presa, isto é que não! De jeito nenhum!

POBCOESPINHO — Eu sei, mas isto é o que eu vou dizer ao juiz, entenda bem, ao juiz!

V. PINIMBA — Presa eu não serei nunca! Prefiro a morte!

POBCOESPINHO — Mas calma, deixe-me explicar.

V. PINIMBA — Isto nunca, ora já se viu!

POBCOESPINHO — Mas a senhora ainda não sabe onde é que eu quero chegar com este artifício, com este imaginoso estratagema!

V. PINIMBA — Mas eu não quero que me prendam!

POBCOESPINHO — Será possível! A senhora parece maluca!

V. PINIMBA — Maluco, parece o senhor!

POBCOESPINHO — Senhora!

V. PINIMBA — E por que me prender? Eu, uma inocente, que nada fiz?

POBCOESPINHO — Mas minha senhora...

V. PINIMBA — E que intimidades são estas, de querer me dar conselhos? Aposto como quer me seduzir, se aproveitar de mim!

POBCOESPINHO — Dona Pinimba, a senhora quer ter a...

V. PINIMBA — Um porco, que não sabe nem se defender sozinho, e ainda por cima quer me dar conselhos! Miserável, patife, vigarista!

POBCOESPINHO — Eu estou perdendo a paciência!

V. PINIMBA — E vem com esta história de burricos e galinhas... Ah, mas eu percebi a tempo aonde queria chegar este casanova de meia tigela!

POBCOESPINHO — A senhora está me provocando além da conta...

V. PINIMBA — Vá, vá, vá comer os seus sacos de feno!

PORCOESPINHO — Agora a senhora passou dos limites!

V. PINIMBA — Imbecil! Abusado!

PORCOESPINHO — Ah, por que é que não aparecem agora umas testemunhas!

CENA VIII

Jonjoca, Viúva Pinimba e o coronel

JONJOCA — Eeéh! Que confusão é esta que estão armando a estas horas da manhã e logo em frente à nossa casa! Por que é que não vão brigar em outra freguesia?

PORCOESPINHO — O senhor, eu quero que o senhor seja minha testemunha...

V. PINIMBA — Para testemunhar que o senhor não passa de um débil mental!

PORCOESPINHO — Senhor, por favor, guarde bem estas palavras! O senhor está ouvindo!

JONJOCA — Ô madama! A senhora não deveria falar assim com o doutor aí!

V. PINIMBA — Mas foi ele que me chamou de louca, me insultou! E ainda por cima, queria me prender!

JONJOCA — Ô, seu coronel, o senhor não devia ter chamado dona Pinimba de louca!

PORCOESPINHO — Eu? Mas eu só lhe dei uns conselhos e nada mais!

JONJOCA — Hummm.

V. PINIMBA — Querida era me prender!

JONJOCA — Hummm.

PORCOESPINHO — Mas por que diabo ela nunca escuta até o fim?

JONJOCA — Hummm.

V. PINIMBA — Pra que? Para ouvir mais insultos?

PORCOESPINHO — Histérica é o que ela é!

JONJOCA — Êi, gente boa! Vamos acalmar, vamos acalmar!

V. PINIMBA — Um porcalhão!

JONJOCA — Virge Maria!

PORCOESPINHO — Frustrada! Histérica! Por isso que não pode por os pés num tribunal.

V. PINIMBA — E o que é que o senhor tem com isso? Seu monstro, vigarista, ladrão de galinhas!

PORCOESPINHO — Um oficial de justiça! Eu quero um oficial de justiça!

V. PINIMBA — Polícia! Chamem a polícia!

JONJOCA — Uma camisa de força!

PORCOESPINHO — Eu vou chamar o meu advogado!

JONJOCA — Duas camisas de força!

(*Saem os dois, cada um por um lado. De dentro ouve-se a voz do juiz: JONJOQUINHA!*)

JONJOCA — Três.

SEGUNDO ATO

CENA I

Leandro e Anacleto

ANACLETO — Então se eu entendi direito nós vamos nos apresentar ao coronel Porcoespino disfarçados: eu de oficial de justiça e você, de fiel diligente secretário aqui do papai, não é isto?

LEANDRO — Exato.

ANACLETO — E então enquanto eu enfrento o coronel, você fica com Isabel, e quem sabe, poderá acariciar as suas mãos, tê-la em seus braços...

LEANDRO — Hummm... .

ANACLETO — Ainda que por breves momentos... Mas que sorte a nossa o aparecimento repentino e desarvorado de dona Pinimba que me encontrando às portas do bar do Zé — onde costume, é verdade, passar a maior parte do tempo — me incumbiu de ir dando as primeiras despachadas em um processo que ela quer mover justamente contra o nosso querido coronel. E — sorte das sortes — me incumbiu também de arrumar um bom, excelente e maravilhoso oficial de justiça — eu mesmo, evidentemente. Pelo menos por enquanto, é claro. Nosso plano dando certo, a gente vê como é que ficam as coisas pro lado dela. Coloque você esta bela peruca branca, que eu colocarei estas vestimentas apropriadas (*vestem-se*). Então, que tal estou?

LEANDRO — Todo o charme e a graça de um oficial de justiça encontram-se ancoradas em sua pessoa!

ANACLETO — Caramba, já estou me sentindo até meio temeroso desta brincadeira! É, acho que estou ficando velho. Bem, aqui está a petição legal de D. Pinimba contra o Coronel e a sua carta para Isabel. E aqui também o contrato de casamento entre vocês dois! Pronto para ser assinado! Neste contrato você fingirá anotar todo o desenrolar da audiência entre o coronel e eu, e no final quando ele o assinar, nós o teremos enganado direitinho. E nas barbas do coronel, você terá a mão e o amor de Isabel, assinado pelo Porcoespino em pessoa...

LEANDRO — Deus te ouça! Anacleto, ve lá se na hora H, você não erra e troca os papéis, hein?

ANACLETO — Entregar a petição à filha, a carta de amor ao pai e o contrato de casamento à Dona Pinimba? O que é que há rapaz, eu não sou nenhum marinheiro de primeira viagem! Não se preocupe, cada um terá o seu papel adequado, e no fundo, também desejado. Isabel terá o seu amor e o coronel um processo a mais. Agora, se manda!

CENA II

Anacleto e Isabel

ISABEL — Quem é?

ANACLETO — Ah, é a voz de Isabel!

ISABEL — O que é que o senhor deseja?

ANACLETO — Gentil senhorita, trata-se apenas de uma pequena petição em formato especial dirigida à encantadora senhorinha, e a quem peço, conceda-me receba-la de minhas mãos na forma da lei.

ISABEL — O senhor vai me desculpar, mas de códigos e de leis eu nada entendo, e nem quero entender. Quando o meu pai voltar, ele terá todo o tempo para ouvi-lo e atendê-lo, senhor oficial.

ANACLETO — Ah, então o seu paizinho não está em casa!

ISABEL — Não.

ANACLETO — Que ótimo! Esta pequena e graciosa petiçãozinha foi colocada em seu nome, senhorinha...

ISABEL — O senhor certamente está me confundindo com alguma outra pessoa. Eu não tenho nada a ver com processos, de nenhum tipo ou formato. Eu sei muito bem quanto eles costumam custar e o mal que podem nos causar. E fique o senhor sabendo que se todos gostassem de sustentar causas e ações na Justiça tanto quanto eu, há muito que o senhor e seus colegas de ofício já teriam trocado de emprego e ocupação. Passar bem!

ANACLETO — Mas senhorinha, permita...

ISABEL — Eu não vou permitir nada.

ANACLETO — Mas é que na verdade não se trata de nenhuma petição legal!

ISABEL — Ora, senhor! Por favor!

ANACLETO — É só uma carta!

ISABEL — Mas como os senhores insistem em mentir!

ANACLETO — Mas senhorita, leia, por favor!

ISABEL — Eu já lhe disse: volte depois!

ANACLETO — É uma carta do senhor...

ISABEL — Adeus.

ANACLETO — Leandro!

ISABEL — Psssst!... Fale baixo. Uma carta de Leandro?

ANACLETO — Caramba, carambolas! Que difícil a gente ser ouvido hoje em dia! Éta imagem danada! Você não me reconhece? Sou eu, o Anacleto despachante. Cumpincha do Leandro.

ISABEL — Ah, é você Anacleto? Desculpe a grosseria! Me dê a carta!

ANACLETO — Puxa, precisava ter fechado a porta no meu nariz, precisava?

ISABEL — Mas é que eu não te reconheci, Anacleto! Disfarçado, como é que eu podia saber que era você? Me dá, vai!

ANACLETO — Você não costuma abrir a porta às pessoas honestas? Bem mais agradável que fechá-las nos narizes dos visitantes!

ISABEL — Eh, já pedi desculpas! Me dá logo a carta, anda!

ANACLETO — Fique sabendo que eu no papel de honesto visitante...

ISABEL — Anacletinho do coração, ou você me dá logo esta carta — agora — ou pode voltar com ela!

ANACLETO — Está bem, está bem! Da próxima vez eu venho com um protetor de nariz!

CENA III

Porcoespinho, Isabel e Anacleto

PORCOESPINHO — (*Entra pela direita e espreita a cena.*) O que? Estou sonhando? Ou vejo um oficial de justiça na porta de minha própria casa, conversando com a minha própria filha? Que absurdo! Onde é que nós estamos? Que intimidades são estas? Hein? Ela lê um bilhete? Ah, deve ser de algum casanova descarado! Aproximemo-nos subrepticamente.

ISABEL — E como é que eu posso saber que ele está sendo sincero?

ANACLETO — Senhorinha, ele simplesmente morre de amores por sua pessoa! Sofre de insônias terríveis que o deixam em petição de miséria. Trata-se de um caso perdido de amor sincero e profundo. (*Neste momento Anacleto nota a chegada de Porcoespinho e muda rapidamente de tom.*) Pois é, senhorinha, lei é lei, os códigos são irreversíveis, e a justiça tarda mas chega, ela chegou, chega, entendeu? (*aponta disfarçadamente o local onde Porcoespinho está escondido. Isabel percebe o gesto.*)

ISABEL — Já percebi.

ANACLETO — Pois é, a parte que ora represento fará claramente ver ao vosso pai, que contra ela nada se ganha, ao se mover contra aquela distinta e nobre pessoa, senhora da mais alta estirpe, injúrias e calúnias mentirosas, vis, e acima de tudo injustificadas!

ISABEL — Pois se é assim, pode comunicar à parte que nos persegue assim tão injustamente que nós saberemos nos defender! Que a família Porcoespinho, fiel à memória de seus nobres e gloriosos antepassados, não cruzará seus braços! Veja o que faço desta petição legal desta tal senhora (*Isabel rasga em pedacinhos a carta de Leandro*). Oh, papai, o senhor chegou?

PORCOESPINHO — Ah! Mas então era uma petição legal o que minha filhi-

nha estava lendo? Ah, que felicidade! Filhinha, vejo que um dia você será a honra de nossa família! Já te vejo defendendo-me nos tribunais quando eu for velhinho! Amanhã mesmo te compro a coleção inteira do "Advocacia sem mestre", e depois entras para a faculdade! Ah, filhinha do papai! Sangue do meu sangue! Ah, escuta, começa a aprender desde já, não se costumam rasgar as petições que nos são entregues, viu filhinha?

ISABEL — Nós nada tememos! Nós a venceremos nos tribunais, nas alçadas e nas instâncias! Hoje, amanhã e sempre!

PORCOESPINHO — Calma filhinha! Não é preciso exaltar-se!

ISABEL — Passar bem e com licença.

CENA IV

Porcoespinho e Anacleto

ANACLETO — Verbalizemos.

PORCOESPINHO — Senhor oficial, por favor, queira desculpá-la. É que ela ainda não foi devidamente instruída com relação às sutilezas legais; mas para que o senhor não se incomode, eis aqui os pedaços de petição intimatória que ela rasgou. Eu mesmo a colarei pedacinho por pedacinho.

ANACLETO — Não é preciso.

PORCOESPINHO — Ah, mas eu faço questão.

ANACLETO — É que eu tenho uma cópia. Cá está!

PORCOESPINHO — Ah, mas que oficial prevenido! Que organização, que eficiência! Engraçado... Quanto mais eu olho para o seu rosto, mais eu fico intrigado! Eu, que com a minha experiência, conheço tantos e tantos oficiais de justiça, posso jurar que nunca o vi antes. Mas o engraçado mesmo, é que apesar disso o seu rosto parece-me familiar.

ANACLETO — É? Estranho acho eu! Pelo que eu saiba, eu sou bastante competente e conhecido nos meios judiciários!

PORCOESPINHO — Está bem. E a quem o senhor está representando?

ANACLETO — Venho da parte de uma nobre e mui distonta, digo, mui distinta dama de nossa sociedade, que muito vos estima e que deseja apenas acorde a presente intimação, que o senhor — em hora e local por mim fixados e de acordo com a forma da lei sempre clara e lógica e pacífica — que o senhor se humilhe diante dela e das demais testemunhas, fazendo uma pequena reparação que lhe é devida a ela de todo e pleno direito. Tenho dito.

PORCOESPINHO — Uma reparação? Mas eu não ofendi ninguém! Será possível que nesta cidade só tem louco?

ANACLETO — Disto eu não tenho a menor dúvida. Aliás, pelas suas palavras nobres e belas, nota-se logo que a sua alma é pura e generosa.

PORCOESPINHO — Muito obrigado. Mas afinal, de quem se trata?

ANACLETO — Ela exige que diante de minha pessoa, dela mesma e de outras ilibadas testemunhas, o senhor declare em alto e bom som que ela é sábia, inteligente, bela e não, nunca, jamais uma louca qualquer, plebéia de asilos vulgares!

PORCOESPINHO — Com a breca! É a louca da Viúva Pinimba!

ANACLETO — Justamente, ela mesma! Vossa humilde e leal servidora!

PORCOESPINHO — Seu leal servidor! (*Trocam cumprimentos e mesuras.*)

ANACLETO — Aqui está.

PORCOESPINHO — Com licença. Vejamos. Talvez seja melhor atendê-la. Convém ser conciliante para com os loucos e alucinados. É só ela não pedir demasiado: afinal é com o dinheiro que se iniciam e terminam todos os problemas da justiça. E como dizia o Comendador Venâncio “Sem dinheiro na mão, o caso não tem solução”. Nada como a filosofia para me fazer suportar as agruras desta vida. Bem, leia-se... “Hoje, seis deste mes de agora, por ter falsamente dito que a intimidadora era uma louca varrida que precisava ser presa com urgência a uma camisa de força, e tendo assim gravemente a ofendido, ela, ilustre e poderosa Viúva Coronel Pinimba, estipula-se que em hora marcada, ele, o intimado Coronel Porcoespino dirija-se à casa da su-

praticada intimidadora para ali, com voz clara, firme e comovida e diante de quatro testemunhas assistidas de um tabelião e de mim, oficial de justiça, possa proclamar que ela, a viúva, é pessoa sensata e ajuizada”. Assinado, Bonifácio, o Bom, oficial. O BOM? Quer dizer que Bonifácio, O Bom, é o nome de Vossa Senhoria?

ANACLETO — Bonifácio, o Bom, às suas ordens. Isto posto, falta-lhe pagar a taxa usual, que eu mesmo a recebo aqui e agora.

PORCOESPINHO — O Bom? Eu nunca vi nenhum papel no tribunal assinado com este nome esquisito. O Bom? O Bom?

ANACLETO — A taxa, senhor, falta a taxa.

PORCOESPINHO — Eu estou desconfiado.

ANACLETO — É, mas tem que pagar a taxa.

PORCOESPINHO — Eu estou desconfiado é do senhor!

ANACLETO — Senhor?

PORCOESPINHO — O senhor não passa de um vigarista!

ANACLETO — Mas o que é isto? Eu sou um homem honesto!

PORCOESPINHO — Um vigarista safado! O senhor não é da justiça coisa nenhuma!

ANACLETO — Senhor, eu não estou aqui para discutir com a sua pessoa! O senhor tenha a bondade de pagar agora o que deve!

PORCOESPINHO — Eu? Pagá-lo? Só se for em pancadas, seu vigarista!

ANACLETO — Eu quero o meu pagamento.

PORCOESPINHO — Ah, é? Pois toma!

ANACLETO — Um tapa!!! Transcrevamos... “que depois de transigir, impedir e obstar a ação da justiça, atingiu a mim, oficial de justiça, e em meu rosto, um tapa, traçoeiro e cruel, fazendo deste modo infame cair o meu chapéu na lama da rua, onde ora redijo esta súpula, de acordo com os preceitos legais”. Tenho dito. O Senhor, por favor, queira ter a bondade de assinar os autos assim transcritos. Aqui está a caneta!

PORCOESPINHO — Safado. Vou ensiná-lo a deixar de ser vigarista! Tome lá (*o coronel aplica-lhe firmes bengaladas no traseiro*).

ANACLETO — Ah, é? Continuemos... “e não contente com o traçoeiro tapa aplicado, pôs-se o intimado aqui presente, muito enraivecido e provavelmente drogado e alcoolizado, a golpear-me as partes com terríveis bengaladas que muito me doeram, mas que de modo algum impediram o desenrolar e a legal transcrição desta súpula, que ora redijo”.

PORCOESPINHO — Mas não é que o desgraçado insiste na tramóia!

ANACLETO — Muito bem. Agora aguarde o senhor as consequências de sua imprudência.

PORCOESPINHO — Que diabo! (*baixo*) Será que o homem é mesmo da justiça? E se for? (*alto*) Ah, eu queria saber se o senhor poderia provar que pertence aos quadros do poder judiciário!

ANACLETO — Pois não. Não me é difícil.

PORCOESPINHO — Pois então prove!

ANACLETO — Começarei declamando o juramento dos advogados. “Ego promitto me, semper principiis honestatis inhaerentem, mei gradus etcoetera, etcoetera, etcoetera”. Agora, recitarei, a tabela de preços das taxas judiciárias, desde as taxas de serventia até as de testamentum traditio especulorum, sem esquecer nenhuma. “Serventiae tributos: 15 per centum de gastus...”

PORCOESPINHO — (*caindo de joelhos*) Meu Deus! Perdão! Mil vezes perdão! Eu me enganei, me enganei redondamente! Pensei que o senhor não fosse um autêntico oficial de justiça! Meu Deus! Tomei-o por um impostor! O senhor, Vossa Senhoria sabe, nos dias de hoje... a gente se engana e... mas agora não, agora sei a verdade... e veja Vossa Excelência que saberei reparar esta ofensa vergonhosa que lhe causei... Eis aqui vossa paga, e mais estas moedas para sua família. Por favor, aceite!

ANACLETO — Está bem, vou aceitar. Só que a minha família é grande... tenho lá em casa quatro bacuris para alimentar e vestir. Olhe, e nem ao menos sou casado, imagine se fosse!

PORCOESPINHO — Ah, então tome mais estas! O senhor é um homem de bem, nota-se logo! Os seus colegas são todos cidadãos que eu muito honro e

estimo. E sempre o meu pai me ensinou a viver com o temor de Deus e a boa vontade dos homens da Justiça!

ANACLETO — Bem, e com relação às pancadas recebidas? Não custam nada?

PORCOESPINHO — As pancadas, é claro, já ia me esquecendo! Aqui estão mais algumas moedinhas...

ANACLETO — Mas só isso? Meu Deus, aonde anda o respeito às leis?

CENA V

Leandro, Porcoespinho e Anacleto

ANACLETO — Oh! Mas quem vejo? Eis, por incrível coincidência, que se aproxima o meu secretário e comissário, senhor Janjão!

PORCOESPINHO — Seu secretário e comissário ao mesmo tempo?

ANACLETO — Meu secretário? Não, primeiro secretário do tribunal local de quarta instância e também comissário.

PORCOESPINHO — Quarta instância? Eu nem conhecia esta!

ANACLETO — Senhor comissário, sua presença aqui é oportuna e bem necessária! Este homem aqui presente, agrediu-me e insultou a autoridade, a lei e a Justiça!

LEANDRO — Agrediu-o? Mas que absurdo, que crime, que ofensa!

ANACLETO — Sim, traiçoeiramente, enquanto eu lia os autos da súmula!

LEANDRO — As testemunhas? Onde estão as testemunhas?

ANACLETO — Senhor, melhor do que simples testemunhas, que afinal de contas pode-se muito bem comprar quando se assim deseja ou necessita, tenho eu ainda a face quente do tapa que recebi! Toque-a e verifique por si mesmo, senhor comissário!

LEANDRO — Oh! Comprovo-o eu mesmo! O senhor está preso em flagrante delito!

ANACLETO — E como se não bastasse, uma certa senhorita, dizendo-se sua filha, rasgou uma intimação que lhe apresentei na forma da lei, num desafio patente à Justiça! E ainda por cima ria-se toda, alegre e conten-

te pelo que fazia... uma rebelde, com certeza!

LEANDRO — Pois que esta senhorita se apresente imediatamente! Ora, pelo que vejo, o espírito da delinquência reina nesta família!

PORCOESPINHO — Meu Deus! Isto parece um pesadelo!

ANACLETO — Outra coincidência! Eis que ela aparece!

CENA VI

Leandro, Isabel, Poscoespinho e Anacleto

ANACLETO — (*baixo à Isabel*) Leandro, é o Leandro!

LEANDRO — Ah, então é a senhorita que orgulhosamente desafia um oficial de justiça, rasga intimações e ironiza a Justiça? Meu Deus, esta geração está ficando mesmo insuportável! Seu nome?

ISABEL — Isabel.

LEANDRO — Senhor oficial, vou anotar as declarações da depoente.

ANACLETO — Cumpra a sua obrigação.

LEANDRO — Sua idade?

ISABEL — Dezoito anos.

LEANDRO — Casada?

ISABEL — Não senhor (*Isabel não se controla e ri*).

LEANDRO — A senhorita está rindo, não é? Escreverei também este detalhe.

ANACLETO — Muito bem observado, senhor comissário-secretário! Aliás, são com estes detalhes aparentemente pequenos e insignificantes, que se ganham as boas causas!

PORCOESPINHO — Mas é claro que ela tinha de rir. Então não se vê logo que ela é solteira?

ANACLETO — Senhor comissário, anote que ele está interrompendo o bom andamento dos trabalhos.

PORCOESPINHO — Ah, mil perdões! Eu não tinha tal intenção! Filhinha, cuidado com o que você vai dizer, há? Eu estou aqui do seu lado, não tenha medo!

LEANDRO — Nada tema, senhorita! A Justiça é cega mas tem tato! Mas, voltando aos autos, a senhorita não recebeu deste senhor aqui presente um certo papel de cunho jurídico?

ISABEL — Sim senhor.

LEANDRO — A senhorita rasgou o papel antes de lê-lo, ou leu o papel antes de rasgá-lo?

PORCOESPINHO — Senhor! Eu protesto! O senhor está querendo confundir a cabeça de minha filha!

ANACLETO — Mas o senhor é na verdade um agitador contumaz, um obstinado, um desvairado! Por favor, senhor comissário, anote esta segunda interrupção dos autos legais.

PORCOESPINHO — Ai, meu Deus!

ISABEL — Senhor, eu li o papel antes de rasgá-lo.

LEANDRO — Hum, hum. E a senhorita rasgou o papel por que razão? Pode-se saber?

ISABEL — Rasguei o papel para evitar que meu pai sofresse qualquer coisa. Ele padece do coração, e uma leitura repentina e sem aviso prévio de um documento de tal natureza poderia trazer alguma complicação súbita. Eis porque rasguei-o.

PORCOESPINHO — (*baixo*) Eu sofro do coração?

ANACLETO — Ah, mas assim é diferente! Senhorita! Trata-se de um belo exemplo de amor filial, este zelo pela saúde de seu pai aqui presente. Muito bem!

LEANDRO — Então a senhorita não rasgou o papel por mero desprezo à autoridade constituída?

ISABEL — Oh, não senhor! Nunca!

ANACLETO — Escreva, escreva.

PORCOESPINHO — Ah, que orgulho estou sentindo agora! Como a minha filhinha responde bem às perguntas! Puxou o pai!

LEANDRO — Mas contudo a senhorita parece demonstrar um certo desprezo diante dos homens da Justiça, não é verdade?

ISABEL — É verdade que a visão de uma toga de juiz me enchia de horror e me causava um grande mal-estar. Mas agora, devo confessar, esta aversão parece ter diminuído.

(*Leandro fica comovido e larga os autos. Anacleto cutuca-lhe e Leandro restaura a pose.*)

PORCOESPINHO — Ah, esta pobre criança, sangue do meu sangue! Logo, logo eu te arrumarei um maridinho

rico e versado em leis! (*Leandro e Anacleto se entreolham*)

ANACLETO — Bem, agora, que tudo já foi esclarecido e pacificado, dentro do espírito da legalidade, creio que podemos encerrar os trabalhos, não é mesmo? É só assinarem o contrato, quero dizer, o auto, a ata.

LEANDRO — A justiça lhe satisfaz?

ISABEL — Eu é que quero satisfazê-la, hoje e sempre!

LEANDRO — Manterás tal disposição amanhã e depois?

ISABEL — Eu te asseguro que Isabel é constante e fiel.

LEANDRO — Então assine. Eu assino depois.

PORCOESPINHO — QUE ORGULHO DA MINHA FILHINHA! (*Isabel assina o contrato de casamento*)

ANACLETO — Muito bem, assim é que se faz! Vejo que a senhorita é fiel à sua palavra e às suas obrigações, o que não deixa de ser uma raridade hoje em dia! Agora, senhor coronel, chegou a sua vez, queira assinar, por favor!

PORCOESPINHO — Claro, claro. Assino cegamente tudo o que ela disse.

LEANDRO — Tudo vai bem. Um contrato assinado, e com testemunha e tudo. Só falta a assinatura do senhor juiz-meu pai. (*à Isabel*) Até já. Breve nos veremos! Um beijo!

PORCOESPINHO — Hein! O que é que o senhor comissário está dizendo?

LEANDRO — Ah, senhor coronel, eu estou pedindo para o senhor me seguir.

PORCOESPINHO — Seguir o senhor? Pra onde?

LEANDRO — Siga-me! Já saberá!

PORCOESPINHO — Mas eu quero saber agora! Pra onde?

ANACLETO — Ao tribunal, senhor coronel, ao tribunal!

PORCOESPINHO — Ao tribunal? Ao juiz? E pra que? Será que os senhores também enlouqueceram? Assim, de um momento para o outro? Sem aviso prévio? Mas onde é que nós estamos? Que país é este?

LEANDRO — Vamos, senhor coronel, vamos logo!

ANACLETO — É logo ali. (*saem empurrando o coronel*)

CENA VII

Jonjoca, Leandro, Anacleto e Porcoespinho

JONJOCA — Hei! Por acaso algum dos senhores viu meu patrão? O senhor juiz de direito aqui da comarca? Parece que escapou pela janela. Para onde será que ele foi? O pior é que o filho também desapareceu. Hum, só faltava esta agora! E o seu pai cada vez mais louco, sabe o diabo onde ele anda. Família mais esquisita!

CENA VIII

Os mesmos e mais o Butantan

BUTANTAN — Paz! Paz! E acima de tudo silêncio! Que se faça silêncio neste recinto, nobre recinto onde se respira a justiça com seu odor de equanimidade e de paz fulgente. Ah, justitiae santificata est et emeritum tribunalis...

LEANDRO — Ah, meu Deus do céu!

ANACLETO — Ihhhhhhh!

JONJOCA — Apareceu a margarida!

BUTANTAN — Eh... E quem são vocês? Quais os seus processos? E vocês aí de toga e barrete? São oficiais de justiça, advogados ou vagabundos? Vamos, respondam!

JONJOCA — Ih, já vi que hoje é dia! Vai julgar até a perereca da vizinha!

BUTANTAN — E antes de virem até aqui ousando aparecer sem mais nem menos diante de minha honrada e nobre presença, tiveram o cuidado e a obrigação de se apresentarem primeiro diante de meu secretário, que ainda por cima é meu filho? Você aí, com cara de comissário pateta, vá buscar Leandro e pergunte a ele se ele sabe o que esta multidão quer da minha jurídica pessoa! (*dirigi-se nesta fala ao próprio Leandro. Em seguida, dirige-se à Jonjoca*) E vá você também!

LEANDRO — (*baixo à Jonjoca*) Vamos lá Jonjoca, vamos me procurar!

JONJOCA — Hã! Ué, mas é o senhor?

LEANDRO — Vem comigo que eu te explico.

CENA IX

Butantan, Porcoespinho, V. Pinimba e Anacleto

BUTANTAN — (*dirigindo-se ao coronel*) ãi, você aí! Rápido, vamos logo de uma vez, verbalize e peticione!

PORCOESPINHO — Mas, eu... eu...

BUTANTAN — Eu, eu, eu o que? Por que é que não começa de uma vez?

PORCOESPINHO — Mas Excelência, sem que eu entenda bem porque eu fui colocado aqui pelo O Bom e pelo oficial de justiça. Agora, eu não sei, parece que pensam que eu sou algum réu!

V. PINIMBA — Estarei imaginando coisas ou é realmente o senhor juiz em carne e osso, a quem estou avistando em plena praça! E ainda por cima dando uma audiência pública! Ah! Que oportunidade, que felicidade! Hoje será para mim um dia de glória inesquecível! Pena que não haja muitas testemunhas e um pouco mais de tumulto e de confusão! Paciência! Nem tudo pode ser como a gente sonha e deseja. Em frente! ãi, psiu, senhor oficial, já começou a sessão?

ANACLETO — Já, sim senhora. (*vira-se e dá com a viúva*) Ih, meu Deus do céu!

PORCOESPINHO — E me injuriaram! Me agrediram! E aqui estou, humildemente, rogando à Vossa Senhoria apenas o que me é de direito! Por isso eu rogo, pleiteio, peticiono e me queixo!

BUTANTAN — Ordem, senhor, ordem! Uma coisa de cada vez, hã!

V. PINIMBA — Eu também venho rogar e pleitear, senhor juiz!

BUTANTAN — Será que são todos surdos? Eu já disse: uma coisa de cada vez! Santo Deus, ou são surdos ou são loucos!

PORCOESPINHO E A VIÚVA — Eis diante de vós a minha parte opositora!

ANACLETO — Ah! Já que começou assim tão bem, vou ver se ganho algum nesta jogada!

PORCOESPINHO, PINIMBA E ANACLETO — Senhor juiz, eu vim aqui para clamar Justiça!

PORCOESPINHÓ — Assim não é possível, senhores! Exponhamos nossos direitos, um de cada vez!

V. PINIMBA — Seus direitos? Onde já se viu um impostor advogando direitos?

BUTANTAN — Mas afinal o que é que lhe fizeram?

PORCOESPINHÓ, PINIMBA E ANACLETO — Me injuriaram!

ANACLETO — (*continuando*) E ainda por cima, me bateram!

PORCOESPINHÓ — Senhor juiz, eu gostaria de lembrar-lhe que eu sou primo em primeiro grau de um de seus sobrinhos!

V. PINIMBA — Pois eu, senhor juiz, me confesso todos os dias com o padre Clementino, que como se sabe, é também confessor de Vossa Senhoria!

ANACLETO — E eu sou filho ilegítimo do seu boticário!

BUTANTAN — E as suas profissões? O que é que fazem na vida?

V. PINIMBA — Eu sou rica e dama da nossa melhor sociedade!

PORCOESPINHÓ — Eu sou fazendeiro!

ANACLETO — Eu sou... sou... oficial de justiça!

PORCOESPINHÓ — Como eu ia dizendo...

BUTANTAN — Ah, por favor, podem falar sem parar, os três. Faça questão de escutá-los todos três juntos, ao mesmo tempo! Podem começar!

PORCOESPINHÓ — Mas, senhor! (*Butantan vai-se embora*)

ANACLETO — Ué, ele foi embora...

V. PINIMBA — Ah, que maldade!

PORCOESPINHÓ — Mas como? A audiência já terminou? Eu não disse nem duas palavras!

CENA X

Os mesmos, mais Leandro e sem Anacleto

LEANDRO — (*Já sem o disfarce*) Mas o que é isso? Será possível que os senhores não vão parar nunca?

PORCOESPINHÓ — Senhor, podemos entrar?

LEANDRO — Claro que não!

PORCOESPINHÓ — Mas pôr que não? Será tudo uma questão de alguns minutos, quando muito, umas doze horas, ou quem sabe talvez...

LEANDRO — Aqui não vão entrar!

V. PINIMBA — O senhor faz muito bem em fechar a porta a este mal-educado e sacripanta. A mim, naturalmente, a viúva do coronel Pinimba o senhor vai deixar entrar?

LEANDRO — Também não.

V. PINIMBA — Ah, eu entrarei!

LEANDRO — De jeito nenhum!

V. PINIMBA — Mas eu quero entrar!

LEANDRO — Vai ficar querendo!

V. PINIMBA — Eu vou entrar por esta porta!

LEANDRO — Nem por esta porta, nem por aquela janela!

PORCOESPINHÓ — Já que é assim, eu fico aqui na porta. E daqui só saio depois que falar com o juiz!

CENA XI

Os mesmos mais Jonjoca

JONJOCA — (*a Leandro*) Consegui, senhor Leandro! Tranquei à chave a porta do quarto depois que ele entrou. Ele estava um pouco nervoso e apressado.

LEANDRO — Obrigado, Jonjoca (*alto a Porcoespino e a Pinimba*). Já lhes disse que ninguém vai ver meu pai.

PORCOESPINHÓ — Mas eu já lhe disse que eu preciso falar urgentemente com sua Senhoria! (*Butantan aparece na janela*) Oh, mas que bela surpresa! É com certeza o céu que nos envia o senhor juiz!

LEANDRO — O que? Ah, não! Outra vez?

JONJOCA — Caramba, para aparecer nesta janela, ele deve ter escapulado pela clarabóia, descido pelas escadas do fundo, passando pela área de serviço... puxa, o homem está com o diabo no corpo!

PORCOESPINHÓ — Excelência...

BUTANTAN — Cala a boca, seu impertinente!

PORCOESPINHÓ — Mas, senhor...

BUTANTAN — Sai logo daqui, seu seu quadrúpede!

PORCOESPINHÓ — Sua Senhoria está nervoso, não é? Mas é que eu queria...

BUTANTAN — Ô, sujeitinho inconveniente!

PORCOESPINHÓ — Senhor juiz, eu acabei de pedir...

BUTANTAN — Não me interessa!

PORCOESPINHÓ — que levassem até a sua casa...

BUTANTAN — Eu vou levá-lo à prisão!

PORCOESPINHÓ — algumas garrafas de vinho...

BUTANTAN — Vinho? Pra mim?

PORCOESPINHÓ — Importados do Porto, safra antiga e nobre, legítima, especialmente para Vossa Excelência!

BUTANTAN — Pode falar o que deseja, nobre senhor!

LEANDRO — (*à Jonjoca*) Não podemos deixá-los passar por esta porta, senão esta casa vai virar um pandemônio!

V. PINIMBA — Senhor juiz, não dê ouvidos a este homem... um canalha! Um mentiroso!

PORCOESPINHÓ — Senhor juiz, eu só falo a verdade! Nunca menti em minha vida!

BUTANTAN — Caluda! Deixa-a falar! Gosto desta voz histérica!

V. PINIMBA — (*tenta agarrar-se ao juiz*) Senhor juiz, escute-me!

BUTANTAN — Ei, mas assim eu não posso nem respirar! A senhora está me sufocando!

PORCOESPINHÓ — (*também agarra-se ao juiz*) Senhor!

BUTANTAN — Ai, socorro! Ajudem-me, estão querendo me matar!

V. PINIMBA — Olhe para mim, senhor juiz!

PORCOESPINHÓ — Senhor juiz, lembre-se do vinho que eu mandei buscar da terrinha especialmente para o senhor!

BUTANTAN — Estão me sufocando! Socorro!

(*Agarrado ao juiz, o coronel entra com ele pela janela adentro, enquanto a viúva estatela-se no chão da rua.*)

JONJOCA — Os dois vão acabar se machucando. Imagine só, pela janela!

LEANDRO — Eu fico de olho aqui na porta enquanto você vai lá em cima salvar meu pai! Já que entrou, o coronel é capaz de ficar lá o dia inteiro!

JONJOCA — Deixa comigo!

CENA XII

Leandro e a viúva

V. PINIMBA — Miserável! Infame! Bandido! Na certa vai encher os ouvidos do juiz de mentiras e falsidades a meu respeito! (*grita na direção da janela*) Senhor juiz, não acredite em nada do que ele lhe disser! Ele não tem testemunhas! Não passa de um fofoqueiro! Ouviu, senhor juiz! Um fofoqueiro, é o que ele é!

LEANDRO — Minha senhora, por favor, controle-se! Quem sabe não se feriram os dois naquele tumulto?

V. PINIMBA — O que aliás será muito bem feito para aquele patife! Poço de calúnias! Ah, eu preciso entrar e falar com urgência ao senhor juiz antes que seja tarde demais!

LEANDRO — Eu lamento muito, mas por aqui ninguém passa!

V. PINIMBA — Ah, eu agora estou vendo tudo! Estou percebendo a coisa toda! É uma conspiração contra mim! Estão todos contra mim! Quer dizer que o vinhozinho do coronel subornou também o filho do juiz, há? Paciência! Eu processo também os dois! É, processo! Então, não processo? O coronel e este juizinho de bosta! Urubu de tribunal! Alcoólatra! Ouviu bem? ALCOÓLATRA! Vão ver só uma coisa! Esperem e verão! Eu volto já! (*exit*)

LEANDRO — Deus me livre! Que mulherzinha! Completamente alucinada! Mas será possível que em volta de um juiz só apareçam loucos e cafajestes?

CENA XIII

Butantan, Anacleto e Leandro

(*Butantan aparece à porta, capengando, Anacleto também chega.*)

ANACLETO — Senhor juiz? Aonde vai assim com tanta pressa e ainda

por cima capengando? Eu estava à sua procura!

LEANDRO — Papai, o senhor está bem! E o coronel?

BUTANTAN — O coronel está lá dentro falando, Deus me livre! E quanto a mim, eu vou ao tribunal, julgar, condenar, arquivar e se for possível encher todas as prisões! Cheinhas, cheinhas, até não poder mais! No fundo, no fundo, é o sonho de cada juiz que se presa! Afinal para que é que serve um xadrez vazio? Uma despesa inútil a ser evitada!

LEANDRO — Mas não, papai. O senhor está precisando de um médico! Veja, o senhor está capengando!

BUTANTAN — Que o médico venha ao tribunal! Quem sabe eu não posso condená-lo...

LEANDRO — Chega, papai, chega! O senhor não vai sair!

BUTANTAN — O quê? Mas onde é que nós estamos? Onde é que estão o respeito e a consideração que me são devidas, a mim, o senhor seu pai, juiz de direito? Então vou ficar em casa sem poder sentenciar nem julgar? Ora vejam, esta é que não! E agora seja um filhinho bonzinho e vá buscar o meu saco de processos! Vá, anda!

LEANDRO — Calma, meu pai, calma! Por que é que não chegamos a um acordo? Se para o senhor, viver significa condenar, sentenciar e julgar, e já que se trata de sua felicidade, não há porque não fazê-lo. Mas, pense: Por que não trabalhar na intimidade do lar, em sua própria casa? Não seria muito mais prático, cômodo, saudável, e, até mesmo mais econômico?

BUTANTAN — É... até que a idéia não é de todo má... pensando bem, aqui em casa eu poderia dar audiências a qualquer hora do dia e da noite, na hora que eu bem quisesse. E também poderia vigiar mais de perto os empregados, hein? Mas, espera: e as férias?

LEANDRO — As férias?

BUTANTAN — Sim, as férias! Embora eu nunca as tire, gosto de receber os prêmios correspondentes! Se eu

paro de ir ao tribunal, eu perco este meu direito. E perco também os abonos, horas extras, auxílios e outros incontáveis benefícios! Ah, não, assim não vale a pena! Um juiz que não vai ao tribunal?! Não, juiz de merda que eu ia ser, isso sim!

LEANDRO — Mas papai, e os presentes e os favores que o senhor receberá aqui mesmo no aconchego do lar, sem precisar dividir com os demais colegas? Hein? Não é mais do que suficiente?

BUTANTAN — Hum... tenho que pensar... até que você fala com certa lógica, viu meu filho? Não há dúvida...

CENA XIV

Butantan, Leandro, Anacleto e Jonjoca

JONJOCA — Pega! Pega! Pega! Não deixa ele fugir!

LEANDRO — Que foi? Que foi? É o coronel?

ANACLETO — Diga logo!

JONJOCA — Tudo está perdido! Imaginem que o Babalú — o cachorro da casa — acabou de pegar de cima da mesa do senhor juiz o pão doce que era pra Sua Senhoria comer logo mais na hora do lanche! O bicho é uma verdadeira fera: tudo que ele vê, apanha! Quer dizer, traçou o lanchinho de sua senhoria!

LEANDRO — Ai está, papai! Eis uma boa causa para inaugurar sua nova fase caseira! Mão forte! Vamos agarrar o bicho e julgá-lo! Um verdadeiro ladrão doméstico!

ANACLETO — Vão julgar o cachorro? O Babalú? E pra que?

LEANDRO — Pst! Vamos ver se assim ele consegue esgotar esta vontade de condenar todo mundo! (*alto, ao juiz*) Vamos, é preciso julgar com severidade esta fera que não tem o menor controle sobre os seus instintos!

JONJOCA — Justiça! Queremos justiça!

LEANDRO — Então, papai?

BUTANTAN — Bem... pelo menos servirá para fazer passar o tempo. Mas se é assim as solenidades e os

serviços de praxe são indispensáveis! Cada uma das partes deve ter o seu advogado!

LEANDRO — Proponho para estes cargos de importância a nomeação de Anacleto e de Jonjoca! Serão sem dúvida excelentes, pois em matéria de ignorância são imbatíveis!

ANACLETO — Ah, não dá, não dá! Eu não posso, eu só sei despachar! Falando e discursando eu faço dormir até os mais tenazes e resistentes! Não há quem me resista, sinceramente!

LEANDRO — Não tem importância!

JONJOCA — Pra mim também não dá, não! Apesar das aparências, formas e formalidades, eu desconheço profundamente todo este lero-lero e conversa mole que eu não sei e nem quero saber. De modo que não dá pé!

LEANDRO — Deixa disso, Jonjoca! Vamos lá!

JONJOCA — Mas é que tem outro detalhe: eu só sei ler se estiver em letra de imprensa, senão, não sei...

ANACLETO — Caramba: um escrívão semi-analfabeto!

LEANDRO — E qual é o problema? Eu arrumo alguém para lhe soprar as falas, e pronto!

ANACLETO — Semi-analfabeto! Inacreditável...

BUTANTAN — A mim, homem experiente, juiz de direito, nada me espanta, pois eu já vi muita coisa neste mundo de leis. Mas vamos deixar de lado essas sutilezas e vamos ao que interessa: você, Jonjoca, será o promotor. Anacleto será o defensor público. O escrivão... o escrivão... vai sem escrivão, mesmo! E quanto ao acusado, o traiçoeiro Babalú, será julgado "in absentia". Assim ausente, não atrapalhará os trâmites legais, nem nos incomodará, e tanto melhor se fará o julgamento. Aliás, na maioria das vezes, o réu presente só serve para incomodar.

LEANDRO — Mas papai, o réu...

BUTANTAN — Não tem mais nem menos! Este menino ainda tem muito que aprender! As vezes eu tenho a impressão que estas novas gerações estão ficando cada vez mais patetas!

TERCEIRO ATO

CENA I

Porcoespinho, Leandro e o ponto

PORCOESPINHO — Mas eu sou capaz de jurar que em toda a minha vida de processos e mais processos, eu nunca tinha visto aqueles dois: nem o comissário, nem o oficial. E olha que eu posso me gabar de conhecer todos os homens de justiça cá da nossa cidade! E por mais que eu peje não encontro quem possa me informar onde fica aquele tal tribunal de quarta instância!

LEANDRO — Está bem, eu acredito no senhor. Mas se me der atenção, o senhor verá sem dúvida que o melhor que tem a fazer no momento é esquecer de uma vez estas águas recentemente passadas; e pensando bem, diga-me, o que é que o senhor iria ganhar criando um caso com membros da própria justiça? Na minha opinião, nada, absolutamente nada! Pelo que sei, três quartas partes da sua outrora enorme fortuna já foi-se embora através dos corredores dos tribunais. A esta altura, o senhor já deveria ter percebido que estes corredores em matéria de dinheiro não têm fim! De modo que acho conveniente o senhor se esquecer daqueles dois!

PORCOESPINHO — É, o conselho me parece salutar... tem cabimento. Talvez aí eu consiga ganhar alguma coisa na medida em que não vá perder nada! Bom, mas eu vou me preparar para a audiência que o juiz vai dar daqui a pouco. E farei vir a minha filha, que me ajudará a me defender dos meus detratores.

LEANDRO — Sábias palavras! (*baixo*) Era mesmo o que eu ia sugerir.

PORCOESPINHO — (*consultando o relógio e conferindo as horas com os relógios dos prédios vizinhos*) Puxa vida, quem diria, todos os relógios estão atrasados, e só o meu que está certo. É sempre assim, dentro e fora dos tribunais... Esta gente imprestável e ignorante não toma mesmo jeito. Por isto que o país não vai pra frente!

LEANDRO — (*baixo*) É, parece que este aí não tem mais remédio... (*alto*) É, coronel, vá logo e volte com sua filha. Desta vez, esteja certo que lhe farão justiça. Até mais!

PORCOESPINHO — Até mais ver.

PONTO — Que homem, que homem!

CENA II

Leandro e o ponto

LEANDRO — Está tudo preparado. Assim através de um pequeno ardil, vou conseguir o que procuro e desejo. E se eu estou agindo deste modo é porque o meu pai é um homem já meio enlouquecido por tantos anos de profissão. E principalmente porque seria a única maneira de conseguir Isabel. Após o julgamento de Babalú — que espero, faça meu pai gastar um pouco de sua sede de justiça — eu terei a mão de Isabel. Mas eis que este julgamento de loucos está para começar!

CENA III

Butantan, Leandro, Anacleto,
Jonjoca e o ponto

BUTANTAN — Mas o que é que está acontecendo aqui? Quem são vocês e o que desejam?

LEANDRO — Papai, o senhor já se esqueceu? O julgamento! A audiência! Estes aqui são os advogados constituídos pelo senhor mesmo, lembra-se?

BUTANTAN — Hã, o julgamento, sim, sim, claro que lembro. E o senhor, está fazendo o que aqui?

PONTO — Senhor, acontece que o promotor constituído deixa um pouco a desejar. Assim, eu estou aqui para ajudá-lo a falar, e eventualmente a pensar!

BUTANTAN — Então pelo que vejo, a sua presença aqui será muito útil, eu diria mesmo fundamental (*aponta Leandro*) E você, o que é que está fazendo aqui?

LEANDRO — Eu? Ora, eu sou o honrado e distinto público, orgulho de todo julgamento que se preza!

BUTANTAN — Muito bem. E o escrivão? Onde está o escrivão? Mas não

tem importância, começamos sem ele. Quando ele chegar a gente recomeça de onde estiver.

ANACLETO — (*baixo*) Vai ser difícil ele chegar; ele já está aqui! Ele esqueceu que o escrivão agora é promotor.

BUTANTAN — Bom, então por que é que não começam? Estão esperando o que? Estão pensando o que? Que eu não tenho mais o que fazer, que eu sou um desocupado, um vadio?

PONTO — Senhores, respeitável público!

JONJOCA — Êi, mais baixo, seu imbecil, ignorantão! Seja mais discreto senão todo mundo vai saber que você está me soprando, e ninguém mais vai querer me ouvir. Além do mais esta primeira página não precisa, porque eu passei a limpo em letra de imprensa.

BUTANTAN — Êi, senhor promotor, quer fazer o favor de colocar o barrete!

JONJOCA — Senhores, respeitável público!

BUTANTAN — Coloque o barrete, já disse!

JONJOCA — É que ele está um pouco grande e me cobre a vista.

BUTANTAN — Tire o barrete.

JONJOCA — (*coloca o barrete*) Senhores! Meus senhores, ilustres, dignos. Muito dignos e distintos. É com subida honra que aqui presente início minha explanação: Senhores: Quando eu vislumbro com toda a minúcia e com toda a exatidão que me são possíveis fruir, as inconstâncias e as vicissitudes deste mundo ao mesmo tempo tão grande e tão pequeno, meu coração se enche de humildade e de modéstia! Ao meu redor, tudo flui, diluído nas brumas do tempo, e nada, nada subsiste! As sombras de tantos homens diferentes palpitam em milhares de direções contrárias, vazias e infinitas! Nenhuma estrela fixa e tantas e tantas estrelas errantes. Césares e imperadores de outras épocas e continentes desfilam diante de mim, em suas fortunas, em suas grandezas e posterior decadência. Ah, senhores! O sol e a lua passam diante de meus olhos! E também estados inteiros, outrora

cheios de glória e de fama, e hoje reduzidos à lembrança e à memória de outros tempos! Vejo os babilônios, primeiro; depois os persas, rapidamente substituídos pelos macedônios, que por sua vez deram lugar às legiões da águia romana, e, um pouco mais tarde, os estados de diferentes credos e costumes... e ao longe do outro lado do mundo, o Japão com o sol nascente...

ANACLETO — Quando o colega acabar a sua viagem, quer fazer o favor de me avisar?

JONJOCA — Seu impertinente, mal-educado! Pronto, agora acabou! Viu, não falo mais nada!

BUTANTAN — Mas que advogado chato! Por que é que não deixa o colega terminar? E eu que estava aqui, suando em bicas, num suspense danado, para ver como é que viria do Japão até aqui! Se ele foi tão longe por um pão doce, imagine onde iria ser o roubo tivesse sido um pouco maior? Tenha consideração pelo colega viajante! Continue, continue...

JONJOCA — Pra mim acabou... esqueci o resto.

ANACLETO — Ué, pra que é que o soprador veio aqui?

LEANDRO — Vamos Jonjoca, você estava ótimo! Não fique aí parado! Coragem! Parece uma estátua! Mexa-se, mexa-se que a inspiração vem! Soprador, atenção!

JONJOCA — (*mexe os braços em várias direções*) Senhores, podemos ler nas... podemos ler nas... nas...

LEANDRO — Diga logo onde é que ele pode ler, soprador!

JONJOCA — Êi... um de cada vez, por favor! Podemos ler nas...

PONTO — Metamorfoses...

JONJOCA — Aonde?

PONTO — Meta...

JONJOCA — Meta...

PONTO — Morfoses...

JONJOCA — Morfoses...

PONTO — Em que as metempsicoses...

JONJOCA — Em que as mentencoses...

PONTO — Mas que tapado! Que juamento!

JONJOCA — E nos masquetapados e masquejamentos...

PONTO — Não!

JONJOCA — Não!

PONTO — Que cavalgada, meu Deus!

JONJOCA — Não nas cavalgadas de meu Deus!

PONTO — Mas que advogado burro!

JONJOCA — Hã? Quem? Quem é que é burro aqui dentro? Eu? Ora, vá pro diabo que o carregue!

BUTANTAN — Fatos! Eu quero fatos!

JONJOCA — Como assim?

BUTANTAN — FATOS! FATOS!

LEANDRO — Ele quer saber o que aconteceu!

JONJOCA — Ah, então porque não disse logo? Ué, me fazem ficar aqui de pé, às tontas, dando mil voltas atrás do sol, da lua, dos césares e do Japão, que nem um louco — e o que é pior, vestido de palhaço — só pra contar o que é que houve. Pois então, os fatos é que um vira-lata des-pudorado roubou o pão-doce do patrão, e assim que eu o encontrar vou lhe dar umas boas chineladas, porque comigo é assim: pão-doce pra lá, chinelada pra cá! Tenho dito!

LEANDRO — Bravo! Bravo! Assim é que se fala! O seu discurso deve ser transcrito aos anais, já e já, antes que todo mundo se esqueça!

ANACLETO — Mas como, se não tem nem escrivão!

JONJOCA — Obrigado, nobre colega, muito obrigado! Aproveito a oportunidade para lembrar a todos que eu falei de improviso! Comigo é assim, escreveu, não leu, o pau comeu!

BUTANTAN — As testemunhas! Chame as testemunhas pela lei e na forma da lei.

LEANDRO — Está muito bem lembrado, excelência, mas acontece que as testemunhas hoje em dia andam cada vez mais exigentes e sempre sequeiosas de favores e recompensas. Isto é, não poderemos contar com os préstimos de nenhuma testemunha, já que as partes não tinham muito a oferecer!

JONJOCA — Mas, contudo, eu tenho testemunhas que só dizem a verdade, honestíssimas, honestíssimas!

BUTANTAN — Ah, mas então faça logo entrar no recinto estas criaturas extraordinárias...

JONJOCA — Estão aqui, excelência, dentro do meu bolso. São os restos do pão-doce... Examinem bem e julguem na forma da lei!

BUTANTAN — Ah, eu logo vi que não podia ser gente! Afinal, eu tenho experiência!

ANACLETO — Eu recuso estas testemunhas! Eu recuso!

BUTANTAN — É? Pode-se saber por que, seu chato?

ANACLETO — A testemunha apresenta-se apenas em pedaços. Ou ela apresenta-se "in totum panificadem" ou então não se apresenta!

JONJOCA — Só se for abrindo o bucho do Babalú!

ANACLETO — Aproveito a interrupção para mostrar à Corte neste momento que julgo capital...

BUTANTAN — Por favor, acaso o nobre colega vai se demorar muito enchendo até não poder mais a minha já cheiíssima paciência legal?

ANACLETO — Ah, já que é assim, eu não falo mais nada!

BUTANTAN — Muito bem respondido, muito bem! Vejo que o colega não só está de boa fé como também tem talento! Pensando bem, pode começar logo a sua defesa! Vamos!

ANACLETO — Grato, imensamente, grato! Vê-se logo que é um nobre juiz!

BUTANTAN — Muito obrigado! Comece!

ANACLETO — (*fala em tom esganado, quase em falsete*) Senhores, dignos e ilibados: aquilo a que os homens mais temem, o que mais justamente receiam, quero crer que encontramos aqui nesta audiência, no dia de hoje, Senhores, eu estou me referindo em primeiro lugar à eloquência, e em segundo lugar à intriga! O talento e a retórica de mestre Jonjoca merecem todo o meu aplauso, todo o meu elogio! Mas é a intriga! A pérfida intriga, aqui materializada nuns míseros restos de pão-doce, que me espanta e me enche de horror! O que um culpado teme, um inocente também teme. Logo, senhores, a conclusão é clara e óbvia: a intriga faz o inocente, culpado, e aquele que dizem ser culpa-

do, é na verdade, inocente! Inocente porque...

BUTANTAN — Advogado, o senhor não tem uma voz melhor do que esta? Está me ferindo os ouvidos...

ANACLETO — (*continua num belo tom de voz*) Porque como eu ia dizendo, senhores, eu sei que a âncora de vossa imensa bondade e de vossa magnânima justiça está atenta e vigilante! Pronta a denunciar o fantasma da eloquência barata e o germen corruptor da intriga, a vil e assassina intriga! Sei que o grande Butantan saberá distinguir o joio do trigo, e ver onde está a inocência! Sim, a inocência é sempre vitoriosa! E será Butantan, qual um Catão justiceiro, quem saberá deslindar esta trama: Tramorum placuit, victrix causa arena! Tenho dito!

BUTANTAN — Bravo! Bravo! Que talento, que talento!

ANACLETO — E sem nada temer, eu retomo a palavra! E faço vir a vós o grande e inesquecível Aristóteles, primo, peri despachantis Politicus, que disse...

BUTANTAN — Caro colega, estamos a tratar de um pedaço de pão-doce, de modo que o nobre Aristóteles nada tem a fazer aqui. Mande-o embora!

ANACLETO — Mas, Excelência, o nobre grego foi muito feliz ao provar...

BUTANTAN — Já lhe disse que o grego não tem nada a ver com a história do pão-doce. E vamos logo aos fatos...

ANACLETO — Bem, como dizia o peripatético Sobral Coimbra em sua obra...

BUTANTAN — Aos fatos, por favor...

ANACLETO — Similar à de Pausanias de Corintos...

BUTANTAN — Aos fatos, seu chato, aos fatos!!!

ANACLETO — E o grande Pintos Saveiros, versado nas leis...

BUTANTAN — Aos fatos, aos fatos, aos fatos!

ANACLETO — As mesmas leis que na boca de Matosos Garrote...

BUTANTAN — Chega! Agora quem vai ser julgado e condenado é você!

ANACLETO — Está bem, está bem, eu passo aos fatos. (*Passa a falar muito*

rapidamente) Eis os fatos: um cachorro entra na cozinha e ali encontra ele em cima de uma mesa, um pão-doce de bom aspecto. Ora, este, pelo qual eu estou falando está com fome. Aquele outro, contra o qual, eu falo, foi então devidamente mordido, isto é, este pelo qual eu sou, toma sem que ninguém veja aquele contra o qual eu falo. Ai todos ficam nervosos e decreta-se a prisão do meu constituinte. Então como de praxe, constituem-se dois advogados, um falando muito mal do réu, e um falando muito bem. Eis, pois, em resumo, os fatos tais como se passaram.

BUTANTAN — Tá, tá, tá tá! Mas que coisa interessante e curiosa! O senhor fala muito bem de tudo que absolutamente não nos interessa e corre como um cavalo louco quando fala justamente daquilo que interessa. Onde foi que aprendeu a advogar desta maneira?

LEANDRO — (*num aparte*) Mas esta é a última moda. Nas faculdades não se faz outra coisa!

ANACLETO — (*com grande veemência*) Senhores, afinal, o que está acontecendo? Como foi que chegamos a um tal estado de coisas? O meu constituinte, uma pobre vítima das circunstâncias, está sendo vilmente acusado de roubo e assalto, e por isso levado ignominiosamente às barras deste tribunal. E tudo, meus senhores, baseado em calúnias! Em injúrias assacadas contra a sua honra, contra a sua dignidade! Mas mesmo que se admita tamanha calúnia, isto é, que Babalú, a quem tenho a subida honra de aqui defender, tenha mesmo praticado tal ato, eu vos suplico que se coloquem também na balança da justiça os seus feitos e comportamentos de antes deste tenebroso acontecimento. Por quem esta casa era guardada de modo exemplar? E quantos não foram os ladrões que recuaram pálidos e assustados ante seus poderosos latidos? E para provar o que digo, exibirei mais tarde alguns fundilhos das roupas de três procuradores, que certa noite vieram ter aquela casa sem terem sido convidados. É preciso dizer mais em benefício desta pobre e inocente criatura?

JONJOCA — Peço a palavra!

ANACLETO — Espera, ainda não acabou.

JONJOCA — Quero lembrar à Corte...

ANACLETO — Não amola, seu! Sujeito mais mal-educado!

JONJOCA — Mal-educado é você, seu enrolador! Vai perder mesmo!

ANACLETO — Eu te mando a mão na cara!

BUTANTAN — Ordem, ordem! Silêncio! Deixem o advogado de defesa falar. E por favor, conclua logo, que eu já estou com sono.

ANACLETO — Muito obrigado (*em um tom pesado e solene*). Se é assim, e se não nos é permitido estendermos e apresentar novos fatos e circunstâncias, passo então agora, sem tardança e sem prevaricações, e de maneira clara e sucinta, a enunciar, explicar e expor ante vossos olhos a idéia universal da causa que ora defendo e dos fatos a ela atinentes. como dizia o grande jurisconsulto Emiliano Modorreira...

BUTANTAN — Mas será possível! Lá vem ele de novo com estes nomes! Conclua, meu filho, conclua!

ANACLETO — Um instante, um instante, já estou quase acabando!

BUTANTAN — Ah, que ótimo!

ANACLETO — Antes do surgimento do nosso mundo...

BUTANTAN — Ah não! (*boceja*) Voltou pra antes dos babilônios...

ANACLETO — Assim, antes do nascimento de nosso mundo, antes de sua criação, o universo a natureza inteira, a Terra, tudo, tudo constituía uma só matéria. O fogo, a terra, o ar e a água estavam amontoados e amalgamados numa só forma. Tudo era então confusão, e por que não dizer, uma massa caótica, "Unus erat toto naturae vultus inorbe dispachantum, quem graeci dixere chaos, protocola-re rudis indigestaque moles..."

LEANDRO — Socorro, meu pai está caindo! (*Butantan, em sono profundo, escorrega até o chão*)

JONJOCA — Senhor juiz! Puxa vida! Como ele dorme!

LEANDRO — Papai! Acorda, papai!

JONJOCA — Senhor juiz, o senhor morreu?

LEANDRO — Papai!

BUTANTAN — Hum? Hein? Que homem! Que advogado! O que? Ah, sim, sim, há muito tempo que eu não tirava uma soneca tão gostosa! Êta, advogado!

LEANDRO — Papai, é preciso continuar com o julgamento.

BUTANTAN — Estão todos presos! Todos são culpados!

LEANDRO — Como? E o cachorro?

BUTANTAN — Mas que coisa! Eu já não estou entendendo mais nada: mundo, caos, Babilônia. Estou com a cabeça zonga. Vamos, vamos concluir de uma vez! Advogado, termine logo com isso!

ANACLETO — (*aparece carregando nos braços uma porção de cachorrinhos*) Venha, família desolada, venham, pobres e indefesas crianças a quem querem transformar em pequenos órfãos e órfãs! Sim, senhores! Vejam a nossa triste sina: "Nós somos todos órfãos, au, au. Queremos de volta o nosso querido pai, nosso pai que nos criou com tanto amor! Nosso paizinho que em noites insone..."

BUTANTAN — Fora, fora, fora daqui!

ANACLETO — Nosso pai, senhores...

BUTANTAN — O senhor quer fazer o favor de tirá-los daqui... O que é isso? Estão mijando em tudo!

ANACLETO — Senhores... São as nossas lágrimas!

BUTANTAN — Tire-os daqui! Eu juro que eu já estou comovido! E agora? Como julgar? Se por um lado, eu me sinto preso de compaixão, por outro lado, não posso negar que aquele viralata é o culpado do roubo! Se eu o condeno, o que será destes cachorrinhos, reduzidos à órfãos indefesos? O que fazer? Ah, já sei! Já sei! Vou deixar para decidir outro dia! Amanhã ou semana que vem! Pronto, tudo resolvido! O processo está arquivado para posterior decisão. Tenho dito!

ÚLTIMA CENA

Butantan, Leandro, Porcoespinho,
Isabel e V. Pinimba

PORCOESPINHO — Excelência, excelência...

BUTANTAN — Ah, está bem, está bem. A audiência está aberta somente para a sua pessoa. Um, dois, três. Muito bem, está encerrada a audiência! Adeus e passar bem! (*Olha para Isabel*) Espera, mas que é este anjo de graça e beleza?

PORCOESPINHO — É minha filha, excelência!

BUTANTAN — Ah, mas que encanto! Chame-a!

ISABEL — Mas o senhor agora não está ocupado?

BUTANTAN — Eu? Ora, que bobagem. Justamente agora, que eu não tenho nada para fazer. Mas por que não me disse logo que ela era sua filha?

PORCOESPINHO — Mãe, excelência...

BUTANTAN — Ah, eu me alegro de ver esta juventude! Como ela é bela! Que olhos doces e suaves! Mas, diga filhinha, qual é o processo que você quer ganhar? Quem é que ousou processá-la? Basta dizer o nome deste pérfido, deste culpado, que eu mando prendê-lo e torturá-lo! A senhorita já ganhou, já ganhou, já ganhou!

ISABEL — Mas, excelência, eu não quero processar ninguém!

BUTANTAN — Pela senhorita, eu faço qualquer coisa!

ISABEL — O senhor é muito gentil e amável!

BUTANTAN — A senhorita não gostaria de assistir a um interrogatório "quente"?

ISABEL — Não senhor! Deus me livre e guarde! Eu tenho horror à violência!

BUTANTAN — Ora, vamos lá! Depois então tomaremos o chá das cinco!

ISABEL — Não senhor! Como é que se pode ver sofrer aqueles infelizes? É preciso ser totalmente insensível!

BUTANTAN — A senhorita exagera. Além do mais, faz passar o tempo. Mas se a senhorita prefere, podemos visitar os arquivos do tribunal. Tem tanta coisa interessante de se ver!

PORCOESPINHO — Excelência, mas nós viemos aqui para...

LEANDRO — Meu pai, sou eu quem lhe explico tudo em duas palavras. Trata-se de um casamento, onde todos estão de acordo, só faltando sua as-

sinatura. Eu sou o noivo. Esta, é a noiva, que eu já percebi, também lhe agrada! O coronel Porcoespinho é o meu sogro!

BUTANTAN — Ela e você? Filhinho, você vai se casar com ela? Ah, mas é claro, é prá já! Podem se casar quando quiserem: hoje, amanhã, agora, sempre!

LEANDRO — Isabel, cumprimente seu sogro!

PORCOESPINHO — Mas que história é essa de casamento e de sogro? O que é isso?

BUTANTAN — Ué, ele não sabia? Tem mistério aí, é?

LEANDRO — Mas, meu pai, ele já assinou o contrato. Está tudo em ordem.

PORCOESPINHO — Mas que loucura é esta? Onde é que nós estamos?

LEANDRO — Não é loucura nenhuma! É apenas um casamento.

PORCOESPINHO — Casamento? Filhinha, fale alguma coisa.

ISABEL — É verdade, meu pai. Amo a Leandro e vou me casar com ele.

PORCOESPINHO — Mas eu não dei meu consentimento! Não podem se casar sem o meu consentimento!

LEANDRO — O senhor não reconhece a sua própria assinatura?

PORCOESPINHO — É a minha assinatura!!!

BUTANTAN — Deixa ver. Trata-se sem dúvida de um belo e legal contrato. Assino.

PORCOESPINHO — Ah, eu fui ludibriado! Agora estou reconhecendo o comissário de quarta instância! Isto não vai ficar assim não. Vou abrir pelo menos uns vinte processos! Querem me levar a minha filha e todo o meu dinheiro!

LEANDRO — Meu caro senhor! Ninguém aqui está querendo o seu dinheiro. Só pedimos a sua benção!

PORCOESPINHO — Ah, mas por que é que agiram deste modo? Que sentença cruel!

ISABEL — Papai, não fique assim! O senhor não quer me ver feliz?

LEANDRO — E você, papai, feliz com a audiência?

BUTANTAN — Sim, sim. Já estou me sentindo bem melhor. Estou outro. Pronto a julgar e condenar todo mundo de novo!

LEANDRO — Oh, não, papai!

BUTANTAN — Vamos, ao tribunal! Onde passarei o resto dos meus dias! Só espero que os advogados não falem tanto, senão vai ser difícil agüentá-los!

PORCOESPINHO — Eu não me con venço. Vou processá-los!

(Entram V. Pinimba, Anacleto, Jonjoca e o Ponto)

V.PINIMBA — Consegui! Consegui! Eis aqui o mandato de segurança! Agora vou querelar à vontade! Quero uma audiência agora *(ao coronel)*. O senhor pensou que ia se ver livre de mim assim tão fácil? Pois sim!

PORCOESPINHO — Ah é? Tanto melhor! Vou mandar chamar o meu advogado!

JONJOCA — Alguém aí viu o Babalú? Babalú, volta! Seu caso foi arquivado!

ANACLETO — Madame, a senhora não estaria precisando de um despachante?

(Confusão geral. Todos falam ao mesmo tempo. Por um lado do palco saem abraçados Leandro e Isabel.)

DOS JORNAIS

RECIFE PERDEU SEU PATRIARCA

Com a morte de *Waldemar de Oliveira*, ocorrida na semana passada, em Recife, o teatro pernambucano perdeu o seu grande patriarca, e o teatro brasileiro um dos seus mais destacados animadores regionais. Por mais controvertidos que tenham sido alguns aspectos da sua trajetória teatral, que cobriu praticamente um meio século, não se lhe pode negar um excepcional dinamismo de organizador, aliado a uma admirável tenacidade e um generoso amor pelo teatro. Depois de ter criado e orientado, durante toda a década de 30, um grupo chamado Gente Nossa, Waldemar de Oliveira ousou um vôo mais alto ao fundar, em 1941, o Teatro de Amadores de Pernambuco, que continua em atividade até hoje, tendo montado cerca de 180 originais, dos quais mais de 50 foram dirigidos pelo próprio Waldemar. No auge do seu sucesso, no fim da década de 40, encenadores como Willy Keller, Jorge Kossowski, Ziembinski, Adauto Filho, Bibi Ferreira e Graça Melo estiveram em Recife especialmente para dirigir espetáculos do TAP, cujo prestígio, naquela época, alcançou o âmbito nacional, inclusive através de bem-sucedidas visitas ao Rio e a São Paulo. Entre os grandes sucessos do TAP, no seu período áureo, figuraram textos como *Macbeth*, *Escola de Mari-dos*, *Bodas de Sangue*, *Vestido de Noiva*, *A Capital Federal onde Canta o Sabiá*.

Aposentado em 1970 do cargo de livre-docente da Faculdade de Medicina de Pernambuco, Waldemar de Oliveira, ao gravar em 1975 seu depoimento para o SNT, declarou: "Essa aposentadoria de agora não me joga na garagem, não me joga num depósito. Ainda tenho muita música para ouvir, muito teatro para fazer, muito livro para ler e muita amizade para cultivar. Ora, se durante 70 anos dispunha sempre de algum tempo para cuidar de meus hobbies, depois disso então, fiquei mais livre ainda quanto às obrigações do tempo". Foi provavelmente essa disposição que o levou a impressionante pesquisa que resumiu no ensaio *O Capoeira — Um Teatro do Passado*, com o qual venceu, poucas semanas antes de sua morte, o I Concurso Nacional de Monografias

do SNT: uma última e merecida alegria para alguém que, a seu modo, fez muito para engrandecer o teatro da sua terra.

(Yan Michalski — Jornal do Brasil, 25-4-77)

OPORTUNIDADES DE APERFEIÇOAMENTO

A partir de hoje e até meados de Julho, algumas dezenas de artistas cariocas terão a oportunidade de aperfeiçoar-se nas suas respectivas especialidades, através de três cursos de curta duração, a serem ministrados por ilustres especialistas estrangeiros.

Na Escola de Artes Visuais, com a colaboração do Instituto Cultural Brasil-Alemanha começa um Seminário de Teatro/Dança, a cargo do diretor alemão Wolfram Mehring. O visitante reside há 23 anos em Paris, onde fundou um Centro de Pesquisa Teatral e um grupo internacional denominado Théâtre de la Mandragore, integrado por representantes de 18 países, e onde dirigiu, durante nove anos, o Théâtre du Vieux Colombier. Ao mesmo tempo, tem viajado intensamente pela Europa, Ásia, África e América, montando peças e orientando seminários e laboratórios, tendo, inclusive, fundado Centros do seu Théâtre de la Mandragore em vários países. Da sua longa experiência resultou um método de trabalho pessoal, derivado não da interpretação de textos literários e sim da semântica e das leis dramáticas da apresentação cênica propriamente dita. É este método que ele procurará mostrar aos seus alunos cariocas — atores, diretores, mímicos e dançarinos — nos seus dois seminários desta semana, intitulados, respectivamente, Fundamentos de Expressão e Representação Teatral e O Ator Como Autor.

De 4 a 15 de Julho terá lugar no Teatro Experimental Cacilda Becker, com patrocínio do SNT e do Conselho Britânico, um curso especializado em movimento para atores, ministrado por Barbara Caisterg, professora da excelente Central School of Speech and Drama de Londres. Haverá duas turmas, com número limitado de vagas, reservadas a atores e diretores profissionais, professores de expressão corporal e estudantes de nível adiantado de escolas de teatro.

O SNT está também promovendo para cenógrafos, iluminadores e técnicos o curso de Edward Kook, que é apresentado como um dos maiores técnicos em ilumina-

ção dos Estados Unidos. A visita de Kook é patrocinada pelo SNT, pelo Departamento Cultural do Itamarati e pela FUNTERJ, e o seu curso, bem como o da professora Barbara Caisterg serão repetidos em São Paulo, na segunda quinzena de Julho.

(Yan Michalski — Jornal do Brasil, 27-6-77)

PEÇAS PREMIADAS EM GOIÁS

Acabam de ser divulgados em Goiânia os resultados do III Concurso Nacional de Literatura do Estado de Goiás, na sua parte relativa à literatura dramática. A comissão julgadora do certame promovido pela Secretaria de Educação e Cultura de Goiás, que vem se firmando como um dos mais expressivos concursos de dramaturgia do país, esteve integrada pelos diretores e produtores cariocas Leo Jusi e Aurimar Rocha e pela escritora goiana Marieta Teles. Entre os 70 originais concorrentes, enviados de todos os cantos do Brasil, cinco foram escolhidos para premiação, e outros tantos receberam menções honrosas. O primeiro prêmio, de Cr\$ 20 mil, além de publicação, coube ao goiano Hugo Zorzetti, com *Ratos no Fim do Corredor*. O vencedor ganhou também, cumulativamente, o prêmio especial de Cr\$ 8 mil, destinado ao melhor texto de um concorrente goiano. Em segundo lugar, com prêmio de Cr\$ 12 mil, e em terceiro, com prêmio de Cr\$ 9 mil, colocaram-se dois autores cariocas já conhecidos através dos concursos do SNT, respectivamente Wilson Sayão, com *Vamos Aguardar Só Mais Esta Aurora*, e Raimundo Alberto Guedes Fernandes, com *Será que Você Nunca Foi Convidado?* O quarto prêmio, de Cr\$ 7 mil, coube ao paulista Alexandre Machado Fernandes, com *A Máquina na Praça do Sol*, e o quinto, de 5 mil, ao também paulista Benedito Rodrigues Ointo com, *Na Fronteira*. Ganharam menções honrosas: Anatoí Ramos, de Goiás, com *A Última Chance de Adão*; Ricardo Meireles Vieira, o carioca que comparece entre os vencedores de todos os recentes concursos, com *Os Bons Tempos Voltaram*, ou *Voulez-Vous Jouer Avec Moi?*; Marcos Fayed, do Rio, (o diretor do bom “Esperando Godot” do ano passado), com *O Aprendiz*; Adelino Matos da Cunha, do Rio, com *Alberto Lemos da Silva*; e Luis Cláudio Aguiar, de Recife, com *Suplicio de Frei Caneca*.

(Yan Michalski — Jornal do Brasil, 19-4-77)

II CONCURSO UNIVERSITÁRIO DE PEÇAS TEATRAIS

A Procissão do Sairé — a história do grande arco de madeira dos índios tapuias do Amazonas que politicamente representa a bandeira da tribo contra o jugo dos exploradores da terra — é uma das sete vencedoras do II Concurso Universitário de Peças Teatrais, promovido pelo SNT. Com uma queda sensível no número de inscritos, concorreram esse ano 61 candidatos contra 153 no ano passado.

Para a autora teatral Heloisa Maranhão, um dos quatro integrantes da comissão julgadora, *A Procissão do Sairé*, de João de Jesus Paes Loureiro, do Pará, foi a melhor das sete peças, “casando de maneira correta a cultura européia e a indígena, bem como entrelaça uma criação artística nacional com um sentido universal”. Recebeu a nota máxima, prêmio de Cr\$ 15 mil, montagem e publicação pelo SNT.

O Concurso universitário de Peças Teatrais, válido para todo o Brasil, é dividido em sete coordenações: *A Procissão do Sairé*, de João Loureiro foi a vencedora da 1.^a Coordenação regional que abrange Amazonas, Pará, Amapá, Acre, Rondônia e Roraima. Da 2.^a Coordenação regional — Maranhão, Piauí, Ceará e Rio Grande do Norte — o vencedor foi o cearense Alves Bezerra, com *As Desventuras de Pedra Mundo. O Farol da Província*, de Tarciso de Lira Paes (Recife) foi o ganhador da terceira coordenação que engloba Paraíba, Pernambuco, Sergipe, Bahia e Alagoas. Na 4.^a coordenação regional — Minas Gerais, Espírito Santo e Rio de Janeiro — o vencedor foi Marco Antonio da Rocha Pimentel (do Rio) com *Tudo Azul no Hemisfério Sul*. A quinta coordenação pertence a São Paulo e José Expedito Marques, de Barretos, venceu com *Os Olhos Verdes da Neurose*. Neuza Aparecida Casagrande, do Paraná, foi a premiada da 6.^a coordenação — Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul — com, *A Escada do Sucesso*. Na 7.^a Coordenação — Brasília, Goiás e Mato Grosso — Enock Dácio de Oliveira Lima, de Brasília, foi o vencedor, com *O Quarto*.

(Jornal do Brasil — 4-5-77)

NOTÍCIAS DO SERVIÇO NACIONAL DE TEATRO

REGULAMENTO DO PRÊMIO MEC

1 — O Prêmio MEC — Troféu Mambembe é destinado aos melhores do teatro do Brasil, apresentados no Rio de Janeiro e em São Paulo. Concorrerão também elementos de outros Estados da União que tenham participado de produção mostrada em uma destas duas capitais ou em ambas.

1.1 — Para candidatar-se ao prêmio é indispensável que a produção tenha sido apresentada em local habitual de espetáculos, ou que a Comissão Julgadora possa vir a considerar como tal, aberto ao público através de bilheteria e por período nunca inferior a 30 (trinta) dias de temporada contínua ou um mínimo de 20 (vinte) apresentações contínuas. No caso do teatro para crianças, o mínimo é de 1 (um) mês e meio, com apresentação de pelo menos 2 (dois) espetáculos por semana.

2 — O Prêmio será distribuído às seguintes categorias:

- a) Autor de peça nacional;
- b) Diretor;
- c) Ator;
- d) Atriz;
- e) Cenógrafo;
- f) Figurinista;
- g) Produtor ou Empresário;

h) Revelação (em qualquer categoria).

2.1 — Haverá, ainda, dois prêmios especiais:

i) Um (1) para qualquer categoria que tenha atuação direta no espetáculo e não esteja mencionada nas citadas acima (compositor, coreógrafo, iluminador, aderecista, cenotécnico);

j) Outro para grupo, movimento ou personalidade que tenha trazido no ano uma contribuição significativa para o teatro brasileiro.

2.2 — No caso de teatro para criança, não haverá Prêmios de revelação (2.h) e grupo (2.1.j).

3. A votação do Prêmio será efetuada por críticos teatrais convidados pelo Serviço Nacional de Teatro ao final de cada ano, com vistas ao exercício seguinte, e mais um elemento do Conselho Federal de Cultura, um da FUNARTE e um do SNT, sob a Presidência do Diretor do Serviço Nacional de Teatro.

3.1 — As comissões assim formadas, teatro para adultos e teatro para crianças, deverão reunir-se a cada quadrimestre, para um balanço periódico e debate dos pontos de importância no âmbito do movimento teatral que examine com entrega de relatórios contendo as indicações das categorias apontadas no período.

3.1 — Nesta ocasião serão igualmente discutidos os casos de substituição ou renovação na crítica teatral jornalística, bem como nos representantes das autoridades governamentais e suas possíveis repercussões na Comissão Julgadora.

4 — A votação abrangerá todos os espetáculos estreados no Rio de Janeiro e em São Paulo entre 1.º de janeiro e 31 de dezembro do ano em questão.

4.1 — Por ter sido o Prêmio iniciado em 1977, poderão ser considerados este ano, excepcionalmente, os espetáculos estreados em anos anteriores e ainda em cartaz.

5 — Na primeira semana do ano reunir-se-ão os membros da Comissão Julgadora para a indicação do 3.º quadrimestre. Em reunião posterior, no prazo máximo de duas semanas após, serão verificados os mais votados do ano, e, em caso de empate, a decisão será tomada na hora, por nova votação em aberto. Entretanto, nesta decisão só serão considerados exclusivamente os empates, não podendo ser reaberta a discussão.

6 — O valor do Prêmio, reajustável anualmente, será a princípio de Cr\$ 30.000,00 (trinta mil cruzeiros) no caso do teatro para adultos e de Cr\$ 15.000,00 (quinze mil cruzeiros) no caso do teatro para crianças, distribuído por categoria.

7 — Os casos omissos serão resolvidos pela Comissão Julgadora, sob a presidência do Diretor do Serviço Nacional de Teatro.

Rio de Janeiro, 02 de junho de 1977.

Orlando Miranda de Carvalho
Diretor do SNT

PRÊMIO MEC — TROFÉU MAMBEMBE BALANÇO DA PRIMEIRA REUNIÃO QUADRIMESTRAL TEATRO PARA ADULTOS

De acôrdo com a Portaria n.º 325 de 26 de maio de 1977, instituída pelo Exmo. Sr. Ministro da Educação Ney Braga, a Comissão Julgadora responsável pela indicação dos melhores em diversas categorias de montagens teatrais apresentadas no Rio de Janeiro em 1977, que farão jus ao PRÊMIO MEC — TROFÉU MAMBEMBE, reuniu-se, dia 7 p.p., às 23 horas, na sala de reuniões do SNT, para efetuar a primeira votação quadrimestral referente à Categoria de Teatro para Adultos. Sob a Presidência do Diretor do Serviço Nacional de Teatro e coordenada pelo Crítico Licínio Neto, a Comissão Julgadora é composta pelos Críticos Ian Michalski, Flávio Marinho, Macksen Luiz, Armindo Blanco, Wilson Cunha, Clovis Levi e Tania Pacheco.

Considerando que o PRÊMIO MEC — TROFÉU MAMBEMBE foi iniciado em 1977, serão ainda considerados, excepcionalmente, os espetáculos estreados em anos anteriores e ainda em cartaz, desde que tenham cumprido 30 (trinta) dias de temporada contínua ou um mínimo de 20 (vinte) apresentações contínuas, em 1977.

Segundo o regulamento que norteia o PRÊMIO MEC — TROFÉU MAMBEMBE, o resultado final que indicará os melhores do teatro nas categorias estipuladas será fruto de uma série de 3 (três) reuniões quadrimestrais.

Com voto em aberto, foram indicados os seguintes nomes, para o primeiro quadrimestre de 1977:

a) **AUTOR DE PEÇA NACIONAL:**
Paulo Pontes e Chico Buarque (GÔTA D'ÁGUA), João das Neves (ÚLTIMO CARRO), Gianfrancesco Guarnieri (PONTO DE PARTIDA) e Aldo Leite (TEMPO DE ESPERA);

b) **DIRETOR:**

João das Neves (ÚLTIMO CARRO), Aldo Leite (TEMPO DE ESPERA), Fernando Peixoto (PONTO DE PARTIDA), Hamilton Vaz Pereira (TRATE-ME LEÃO), Klauss Vianna (O EXERCÍCIO) e Ilo Krugli (AS PEQUENAS HISTÓRIAS DE LORCA);

c) **ATOR:**

Gianfrancesco Guarnieri (PONTO DE PARTIDA), Ricardo Blat (EQUUS), Otávio Augusto (HUIS CLOS) e José Wilker (OS FILHOS DE KENNEDY);

d) **ATRIZ**

Fernanda Montenegro (É ...), Regina Casé (TRATE-ME LEÃO), Marília Pera (O EXERCÍCIO), Tereza Rachel (GATA EM TETO DE ZINCO QUENTE), Betina Vianny (EQUUS) e Bibi Ferreira (GÔTA D'ÁGUA);

e) **CENÓGRAFO:**

Germano Blum (ÚLTIMO CARRO), Gianni Ratto (PONTO DE PARTIDA), Maurício Sette (CORAGEM, ANTES QUE NOS FECHEM AQUI DENTRO) e Luis Carlos Ripper (GATA EM TETO DE ZINCO QUENTE);

f) **FIGURINISTA:**

Ilo Krugli (AS PEQUENAS HISTÓRIAS DE LORCA);

g) **PRODUTOR OU EMPRESÁRIO:**

João das Neves, Grupo Asdrúbal Trouxe o Trombone, Othon Bastos Produções Artísticas — Documenta Produções Artísticas e Sergio Brito;

h) **REVELAÇÃO (EM QUALQUER CATEGORIA):**

Aldo Leite (Direção em TEMPO DE ESPERA), Ricardo Blat (Ator em EQUUS), Klauss Vianna (Direção em O EXERCÍCIO), Germano Blum (Cenário de ÚLTIMO CARRO), Grupo Tal (Peça SACOS E CANUDOS), Leda Nascimento, Atriz em TEMPO DE ESPERA) e Cosme Júnior (Ator em TEMPO DE ESPERA);

Dentro das indicações para Prêmios Especiais, foram ainda indicados:

i) Para qualquer categoria que tenha atuação direta no espetáculo e não esteja mencionada nas citadas acima:

- TRABALHOS EM ILUMINAÇÃO — Jorge de Carvalho
- SONORIZAÇÃO EM ÚLTIMO CARRO — Rufo Herrera
- MÚSICAS EM PEQUENAS HISTÓRIAS DE LORCA — Beto Coimbra e Caique Botkay

j) Para Grupo, Movimento ou Personalidade que tenha trazido no ano uma contribuição significativa para o Teatro Brasileiro:

Grupo Mutirão, Sidnei Miller, Rodrigo Faria Lima, Aliança Francesa, Serviço Social do Comércio (SESC) e Grupo Tal.

Rio de Janeiro, 08 de junho de 1977

Orlando Miranda de Carvalho
Diretor do SNT

PRÊMIO MEC — TROFÉU MAMBEMBE
BALANÇO DA PRIMEIRA REUNIAO QUADRIMESTRAL
TEATRO PARA CRIANÇAS

De acordo com a Portaria n.º 325 de 26 de maio de 1977, instituída pelo Exmo. Sr. Ministro da Educação Ney Braga, a Comissão Julgadora responsável pela indicação dos melhores em diversas categorias de montagens teatrais apresentadas no Rio de Janeiro em 1977, que farão jus ao PRÊMIO MEC — TROFÉU MAMBEMBE, reuniu-se, dia 08 p. p., às 10:00 horas, na sala de reuniões do SNT, para efetuar a primeira votação quadrimestral, referente à categoria de teatro para crianças. Sob a presidência do Diretor do Serviço Nacional de Teatro e coordenada pelo crítico Licínio Neto, a comissão julgadora é composta pelos críticos Clovis Levi, Ana Maria Machado, Marcia de Almeida e Lucia Benedetti.

Considerando que o PRÊMIO MEC — TROFÉU MAMBEMBE foi iniciado em 1977, serão ainda considerados, excepcionalmente, os espetáculos estreados em anos anteriores e ainda em cartaz, desde que tenham cumprido, no caso desta categoria, um mínimo de 1 (um) mês e meio em cartaz, com apresentações de pelo menos 2 (dois) espetáculos por semana, em 1977.

Segundo o regulamento que norteia o PRÊMIO MEC — TROFÉU MAMBEMBE, o resultado final que indicará os melhores do teatro nas categorias estipuladas será fruto de uma série de 3 (três) reuniões quadrimestrais.

Com voto em aberto, foram indicados os seguintes nomes para o primeiro quadrimestre de 1977:

a) AUTOR DE PEÇA NACIONAL:

Maria Clara Machado (PLUFT e OS CIGARRAS E OS FORMIGAS), João das Neves (A LENDA DO VALE DA LUA), Benjamim Santos (A PRINCESA DO MAR SEM FIM) e Raquel Ribas (A ESTÓRIA DAS CEBOLAS);

b) DIRETOR:

Wolf Maia (OS CIGARRAS E OS FORMIGAS), Benjamim Santos (A PRINCESA DO MAR SEM FIM), Gracindo Jr. (O SAPATEIRO DO REI), Maria Clara Machado (PLUFT) e Pedro Paulo Rangel (LÚCIA ELÉTRICA DE OLIVEIRA);

c) ATOR:

Sebastião Lemos (OS CIGARRAS E OS FORMIGAS), Lauro Del Corona (OS CIGARRAS E OS FORMIGAS) e Manfredo Colassanti (LÚCIA ELÉTRICA DE OLIVEIRA);

ATRIZ:

Angela Vasconcelos (LÚCIA ELÉTRICA DE OLIVEIRA), Vera Setta (OS CIGARRAS E OS FORMIGAS), Daise de Polli (O SAPATEIRO DO REI), Daise de Lourenço (CANTANDO NA NEVE) e Raquel Ribas (A ESTÓRIA DAS CEBOLAS);

e) CENÓGRAFO:

Acácio Gonçalves (OS CIGARRAS E OS FORMIGAS), Kalma

Murtinho (A PRINCESA DO MAR SEM FIM) e Sílvia Orthof (CANTARIM DE CANTARÁ);

f) FIGURINISTA:

Acácio Gonçalves (OS CIGARRAS E OS FORMIGAS), Ricardo Steele (O SAPATEIRO DO REI), Kalma Murtinho (A PRINCESA DO MAR SEM FIM), Sílvia Orthof (CANTARIM DE CANTARÁ), Raquel Ribas (A ESTÓRIA DAS CEBOLAS) e M. Carmen (FLICTS);

g) PRODUTOR OU EMPRESÁRIO:

Sílvia Orthof, Wolf Maia, Os Contadores de Estórias, Benjamim Santos e Gracindo Jr.;

h) QUALQUER CATEGORIA QUE TENHA ATUAÇÃO DIRETA NO ESPETÁCULO NÃO INCLUÍDA NAS CITADAS ACIMA:

- Trabalhos em iluminação — Jorge de Carvalho
- Visual de A ESTÓRIA DAS CEBOLAS — Raquel Ribas
- Adereço de A PRINCESA DO MAR SEM FIM — Marie Louise Nery
- Música de OS CIGARRAS E OS FORMIGAS — Luis Paulo

No caso da categoria de teatro para crianças, o regulamento do PRÊMIO MEC — TROFÉU MAMBEMBE não oferece premiação para “Revelação” e “grupo, movimento ou personalidade que tenha trazido no ano uma contribuição significativa para o teatro brasileiro”.

Rio de Janeiro, 08 de junho de 1977.

Orlando Miranda de Carvalho
Diretor do SNT

DEPOIMENTOS:

BARBARA HELIODORA

Prestou depoimento no Serviço Nacional de Teatro, a professora e tradutora Bárbara Heliodora. Sob coordenação do crítico Licínio Neto, funcionaram como entrevistadores: a atriz Fernanda Montenegro, o crítico Yan Michalski, o ator e diretor Sergio Britto e a autora Maria Ines Barros Almeida.

Carioca, nascida em 29 de agosto de 1923, Heliodora Carneiro de Mendonça (Bárbara Heliodora) não chegou a ter um contato efetivo com o teatro quando criança. Com exceção de um livro contendo a obra completa de William Shakespeare e de algumas idas esporádicas ao teatro para ver Gilda de Abreu, Vicente Celestino e Dulcina de Moraes, a atividade teatral não fazia parte de suas aspirações futuras.

Depois de haver ingressado na antiga Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, em 1941, Bárbara Heliodora abandona o curso e parte para os Estados Unidos, visando até então, se graduar em Literatura Inglesa. No período compreendido entre 1941 e 1943, começou a participar da vida teatral americana, ora assistindo clássicos, em maiorias shakespearianos, ora cursando disciplinas vinculadas à área de teatro em específico, tais com História de Teatro Universal e Literatura Dramática. Porém, o que mais impressionaria Bárbara Heliodora não iria residir na esfera visual que o teatro proporciona. Preocupada com a relação

texto-ator e suas implicações, primeira evidência da formação de uma personalidade crítica e analítica, ela voltou ao Brasil e, durante algum tempo, além de uma espectadora apaixonada, passou a investigar o fenômeno teatral.

Em 1948, debaixo da efervescência criada por uma série de tentativas inovadoras, o teatro brasileiro adquiria maiores possibilidades de atuação. Ligada ao Teatro do Estudante, de Paschoal Carlos Magno, Bárbara Heliodora realizaria seu primeiro trabalho de palco representando Gertudes, em Hamlet, substituindo Carolina Souto Maior. A etapa posterior como atriz teria lugar n' O Tablado, particularmente em duas peças: CHAPEUZINHO VERMELHO e A BRUXINHA QUE ERA BOA.

O ano de 1958 marcaria o ingresso de Bárbara Heliodora na crítica teatral. Através de Silveira Sampaio, foi para a Tribuna da Imprensa e lá permaneceu somente por dois meses. Logo depois de haver saído da Tribuna, Bárbara recebeu um convite de Geraldo Queiroz e passou a integrar a equipe do já extinto Suplemento Dominical do Jornal do Brasil, desenhando e escrevendo sobre teatro estrangeiro somente. No entanto, a insatisfação gerada por não poder abordar o teatro brasileiro, fez com que se retirasse temporariamente do jornal. Algum tempo depois, quando Mario Nunes se retirou do Jornal do Brasil, Bárbara Heliodora assumiu a parte do teatro. Nesta altura, procurando essencialmente renovar a crítica teatral, ela, ao lado de Gustavo Dória, Henrique Oscar, Paulo Francis, João Augusto e outros, fundaria o Circulo Independente de Crí-

ticos Teatrais (CICT), setor dissidente da Associação Brasileira de Críticos Teatrais.

Em 1964, a convite do governo de Castello Branco, assumiu a direção do Serviço Nacional de Teatro. Juntamente com Décio de Almeida Prado, Agostinho Olavo, Carlos Drummond de Andrade, Adonias Filho e Gustavo Dória, Bárbara Heliodora procurou reformular e traçar uma política mais condizente com a realidade do teatro brasileiro. Em sua atuação à frente do SNT, ela trabalhou pela regularização da profissão do ator, lançou o concurso brasileiro de dramaturgia e incrementou ainda o setor de publicações, etc.

Doutora em teatro pela Escola de Comunicações da Universidade de São Paulo, em 1975, atualmente Bárbara Heliodora, além de tradutora, é professora da Escola de Teatro da Fefierj, lecionando na área de Dramaturgia Clássica.

B. DE PAIVA

Dando continuidade ao levantamento da memória teatral brasileira, prestou depoimento ao Serviço Nacional de Teatro o Professor e Diretor B. de Paiva. Sob a Coordenação geral do Crítico Licínio Neto, funcionaram como entrevistadores: o dramaturgo Aldomar Conrado, o ator Roberto de Cleto, a atriz Maria Pompeu e a Professora Moema Renart de Brito.

José Maria Bezerra de Paiva — o apelido de B. de Paiva remonta ao cineasta Cecil B. de Mille — nasceu em Fortaleza e descende de uma família que de alguma forma sempre esteve ligada às manifestações artísticas em geral. De João Francis-

co de Oliveira, "mestre de todos os ofícios" especialmente contratado pelo Governador de Província, do romancista Manuel de Oliveira Paiva e do compositor Alberto Nepomuceno, B. de Paiva talvez tenha herdado o vício teatral.

Assíduo espectador de filmes do gênero capa e espada, com um sem número de frequências ao mundo mágico dos circos, o menino José Maria já realizava suas primeiras experiências teatrais no quintal de casa, tanto que chegou a escrever durante este período sua primeira peça, **O CIGANO VINGADOR**.

Diretor do Departamento de Teatro do Grêmio Juvenil Monteiro Lobato, já no início da década de 50, B. de Paiva desenvolvia um trabalho vinculado a todos os setores da atividade (contra-regra, maquinista, iluminador, ponto e etc). Porém, o primeiro contato efetivo com os grandes textos aconteceria por ocasião da passagem do Teatro do Estudante do Brasil em Fortaleza. A preocupação de Paschoal Carlos Magno no sentido de informar e discutir com seu público o teatro que se fazia no âmbito daquele grupo experimental foi o impulso concreto para B. de Paiva. Desta forma, o legado do Teatro do Estudante ao teatro cearense permitiu, ainda em 1952, a criação do Teatro Experimental de Arte. Uma adaptação de **O MORRO DOS VENTOS UIVANTES**, **AS MÃOS DE EURÍDICE** e **OS INIMIGOS NÃO MANDAM FLÓRES**, de Pedro Bloch, foram as primeiras encenações de um novo teatro que surgia no Ceará.

Em 1954, procurando aprimorar sua iniciativa em teatro, B. de Paiva

chegava ao Rio de Janeiro e, simultaneamente, ingressava nas fileiras do Teatro Duse. Em **IDOMENEU**, foi agraciado com uma medalha de bronze da Associação Brasileira de Críticos Teatrais na categoria de melhor ator coadjuvante.

No espaço compreendido entre 1955 e 1959, B. de Paiva estendeu em muito seu raio de atuação: em 57, participou da criação do Teatro Rural do Estudante, culminando com a montagem **ZÉ DO PATO** e revelando o ator Joel Barcelos; manteve durante dois anos consecutivos na Rádio Roquete Pinto os programas **JÓIAS DO PONTO UNIVERSAL** e **MARAVILHAS DO TEATRO UNIVERSAL**; desenvolveu um programa de estímulo ao autor nacional junto ao Teatro da Faculdade de Arquitetura; participou da disseminação do teatro infantil pelos subúrbios com o Teatro do Jardim.

Nos finais, de 1959, ele conheceria Edmundo Moniz e, pelo Serviço Nacional de Teatro, em 1960, retornou a Fortaleza para iniciar um amplo plano de valorização do Teatro da Universidade Federal do Ceará. Até 1968, data de sua volta ao Rio de Janeiro, B. de Paiva chegou a dirigir 96 espetáculos, além de haver criado cursos específicos de teatro, atuado em escolas, inaugurado o Teatro Universitário, o Teatro Escola do Ceará e, finalmente, a Comédia Cearense, que chegou a apresentar **A ROSA DO LANGAMAR**, de Eduardo Campos, no Teatro Nacional de Comédia do Rio de Janeiro. Seu esforço seria coroado de êxito quanto assumiu a direção do Departamento de Cultura do Estado do Ceará e, mediante um convênio com o Gover-

no do Estado, passou a fazer do Teatro José de Alencar um local de troca de experiências entre todos que se preocupavam em dinamizar o teatro cearense. Na etapa cearense, dentre as encenações que merecem destaque, podem ser citadas: **AUTO DA COMPADECIDA**, **MACBETH**, **ESQUINA PERIGOSA** e **O PAGADOR DE PROMESSAS**:

A última fase da carreira de B. de Paiva, pela qual até hoje ele vem lutando, iniciou-se em 1969, quando, por intermédio do Serviço Nacional de Teatro, ele assumiu a Coordenação do Conservatório Nacional de Teatro, hoje Escola de Teatro do Centro de Artes da FEFIERJ. Lá, retomando a luta pela regulamentação da profissão do ator, B. de Paiva teria uma atuação fundamental, para o estabelecimento de um concreto meio para o ensino de teatro no Rio de Janeiro. A partir da elaboração de um plano administrativo, foram organizados currículos para novos cursos, Bacharelado em Teatro e Licenciatura em Educação Artística. Atualmente, ocupando o cargo de Presidente da Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado do Rio de Janeiro, B. de Paiva ainda se considera um homem de teatro.

Finalmente, como profissional, suas últimas atividades foram ao lado da saudosa Glauce Rocha, em **BODAS DE SANGUE**, **UM UÍSQUE PARA O REI SAUL** e **O EXERCÍCIO**.

MOVIMENTO TEATRAL

ABRIL/JUNHO/1977

TEATRO BNH

Equus, de Peter Shaffer. Direção de Celso Nunes, com Ricardo Blat, Emilianio Queiroz, Antonio Patiño, Monah Delacy, Betina Viany e outros. Ingresso: 60,00.

TEATRO DE BOLSO

Até Que o Sexo Nos Separe, de Barrillet e Grédy. Direção de Aurimar Rocha, com Anilza Leone, Agnes Fontoura e outros. Ingresso: 60,00.

Geração Sem Amanhã, de John Osborne. Direção de Aurimar Rocha, com Fábio Rocha, Elisa Fernandes, Vera Brito e outros. Ingresso: 60,00.

TEATRO DULCINA

Trate-me Leão, criação coletiva do grupo Asdrubal Trouxe o Trombone. Direção de Hamilton Vaz Pereira, com Regina Casé, Luis Fernando Guimarães, Evandro Mesquita e outros. Ingresso: 50,00.

TEATRO SENAC

Entre Quatro Paredes, de Jean-Paul Sartre. Direção de Cecil Thiré, com Wanda Lacerda, Otávio Augusto e Susana Vieira. Ingresso: 70,00.

TEATRO COPACABANA

Gata em Teto de Zinco Quente, de Tennessee Williams. Direção de Paulo José, com Teresa Rachel, Antonio Fagundes, Paulo Gracindo, Jacqueline Laurence, Gracinda Freire e outros. Ingresso: 60,00.

TEATRO GINÁSTICO

Cinderela do Petróleo, de João Bethencourt. Direção do autor, com Norma Blum, Felipe Wagner, Milton Carneiro, Berta Loran, Ari Leite, Ivan Sena e outros. Ingresso: 60,00.

TEATRO GLÁUCIO GIL

Lição de Anatomia, de Carlos Matus. Direção do autor, com Geraldo Del Rey, Imara Reis, Marcio de Luca, Perry Salles, Catita Soares e outros. Ingresso: 70,00.

TEATRO GLÓRIA

O Exercício, de Lewis John Carlino. Direção de Klauss Vianna, com Marília Pera e Gracindo Júnior. Ingresso: 70,00.

TEATRO IPANEMA

Eu Gosto de Mamãe, de José Marcio Simão. Direção de Clóvis Bueno, com Elka Maravilha e Adriana Figueiredo. Ingresso: 60,00.

A Chave das Minas, de José Vicente. Direção de Ivan de Albuquerque, com Rubens Correia, Eduardo Conde, Leila Ribeiro, Ivan de Albuquerque e outros. Ingresso: 80,00.

TEATRO JOÃO CAETANO

Ponto de Partida, de Gianfrancesco Guarnieri. Direção de Fernando Peixoto, com G. Guarnieri, Othon Bastos, Marta Overbeck e outros. Ingresso: 20,00.

Alegro desbum, de Oduvaldo Vianna Filho. Direção de José Renato, com Nair Belo, Walter Breda e outros. Ingresso 30,00.

Tudo no Escuro, de Peter Shaffer. Direção de Jô Soares, com Jô Soares, Jaime Barcelos, Elizangela e outros. Ingresso: 25,00.

TEATRO MAISON DE FRANCE

É...!, de Millor Fernandes. Direção de Paulo José, com Fernanda Montenegro, Fernando Torres, Renata Sorrah, Jonas Bloch e Maria Helena Pader. Ingresso: 80,00.

TEATRO MESBLA

Barbeiro de Niterói, de Noel Rosa. Adaptação de Antonio Pedro e Flávio São Thiago. Direção de Antonio Pedro, com Jeca Valadão, André Villon, Lafayette Galvão e outros. Ingresso: 60,00.

Defunto Fresco, de José Vasconcelos e Renato Pereira. Direção de José Vasconcelos, com JV. Ingresso: 60,00.

TEATRO NACIONAL DE COMÉDIA

O Verão, de Romain Weingarten. Direção de Etienne le Meur, com Ana Lucia Bruce, Richard Roux, Carlos Nessi e outros. Ingresso: 30,00.

O Bom Burguês, de Pedro Porfírio. Direção de Luis Mendonça, com Hélio D'Andréa, Fátima Valença, Neusa Ramalho e outros. Ingresso: 40,00.

Grite na Hora Certa, de Paulo Carvalho. Direção de Jorge Roberto Borges, com Nelson Caruso, Arthur Costa Filho, Lady Francisco e outros. Ingresso: 50,00.

TEATRO OPINIÃO

O Último Carro, de João das Neves. Direção do autor, com JN, Ivan Candido, Ilva Nino, Sebastião Lemos e outros. Ingresso: 60,00.

Dois Perdidos Numa Noite Suja, de Plínio Marcos. Direção de João das

Neves, com Juca de Oliveira e Osvaldo Loureiro. Ingresso: 60,00

TEATRO PRINCESA ISABEL

Tudo no Escuro, de Peter Shaffer. Direção de Jô Soraes, com Jô Soares, Jaime Barcelos, Elizangela, Henriqueta Brieba e outros. Ingresso 60,00.

TEATRO SERRADOR

Feira do Adultério, de Braulio Pedroso, Ziraldo, João Bethencourt, Paulo Pontes e Armando Costa, Lauro Cesar Muniz e Jô Soares. Direção de Mauro Mendonça, com Felipe Caroni, Carlos Eduardo Dolabella, Sueli Franco e outros. Ingresso: 50,00.

TEATRO FONTE DA SAUDADE

Festa de Sábado, de Bráulio Pedroso. Direção de Daniel Filho, com Camila Amado e Antonio Pedro. Ingresso: 70,00.

OUTROS ESPETÁCULOS

Em diversos locais estão sendo apresentados os seguintes espetáculos:

Coragem Antes que nos Fechem Aqui dentro, de Miguel Oniga; *A Volta do Prometido*, de José Maria Rodrigues; *Silêncio, por favor, Silêncio* de Marcio Sgreccia; *A Morte de Danton*, de George Buchner; *João Sem Nome* de Osvaldo Montenegro e Mongol; *A Gang DC ou Para Onde Caminha a Humanidade*, de Demétrio Nicolau; *El Retablo de Maese Pedro*, pelo grupo de teatro de bonecos Giramundo; *Esquartejamento Para Todos*, de Boris Vian; *Uma Grande Mentira*, de Thomé dos Santos; *Carla, Gigi e Margot*, de Ro-

naldo Ciambri; *A Incrível História de Pedro Bacamarte*, de Vital Paulino Filho; *Pensão Para Todos*, de Luis Lima; *Palácio do Tango*, de Maria Irene Fornés; *A Farsa do Rei*, de H. Papanatas; *Um Grito de Esperança*, pelo grupo Motumbá; *Nós ou Sem Pé Nem Cabeça Como Essa Coisa Chamada Vida* de Gilvan Javarini; *Exposição*, pelo grupo Ensaio de Teatro Aberto; *Anjo Negro*, de Nelson Rodrigues.

TEATRO INFANTIL

Estão em cartaz as seguintes peças:

Os Cigarras e Os Formigas, de Maria Clara Machado.

História da Moça Preguiçosa, de Maria de Lurdes Martini.

O Vendedor de Balões, de Dilu Melo.

O Mar já Foi Azul Minha Filha, de Elpídio Cotias Filho.

Alice no País das Maravilhas, de Sergio Roberto.

Os Três Porquinhos e Gasparzinho, O Fantasminha Legal, de Roberto de Castro.

O Caso dos Queijos, de Roberto do Vale.

Camaleão e As Batas Mágicas, de Maria Clara Machado.

O Planeta Azul, de Mario Bruni.

O Sapateiro do Rei, de Lauro Gomes.

Lúcia Elétrica de Oliveira, de Cláudia de Castro.

Os Três Porquinhos, de Jair Pinheiro.

Patinho Feio, de Aurimar Rocha.

Cantando na Neve, de Alexandre Marques.

Pluft, O Fantasminha, de Maria Clara Machado.

Cinderela, a Gata Borralheira, de Bosco Scaffs.

Dom Quixote de La Mancha, de Alexandre Marques.

A Margarida Curiosa Visita a Floresta Negra, pelo grupo Carreta.

Maria D'Água, de Luiz Sorel.

Cantarim de Cantará, de Sylvia Orthof.

A Máquina de Enigma, de Beth Lambert.

Era Uma Vez Um Mundo, pelo grupo Quebra Cabeça.

O Anão Doceiro e As Feiticeiras, de Regina Darze da Cunha.

O Príncipe Feliz, de Washington Guilherme.

Joãozinho e Maria na Casa da Bruxa, de Jair Pinheiro.

A Lenda do Vale da Lua, de João das Neves.

A Fantástica História de Melão City, de Marcos Caetano Ribas.

Bigorrrilho e a Princesa de Ouro, de Dilu Melo.

A Princesinha Mimada e o Dragão Malvado, de Lauro Gomes.

O Rato Saltador, de Marcos Caetano Ribas.

33 ou o Jogo do Acaso, de Marcos Caetano Ribas.

A Princesa do Mar Sem Fim, de Benjamim Santos.

A Gaiola de Avatsiú, pelo grupo Hombu.

Terra Ronca. de Maria de Lurdes Martini.

Andar... Sem Parar... de Transformar, de Maria Luisa Lacerda.

A Onça e O Bode, de Cleber Fernandes.

A Galinha dos Ovos de Ouro, de Paulo Werneck.

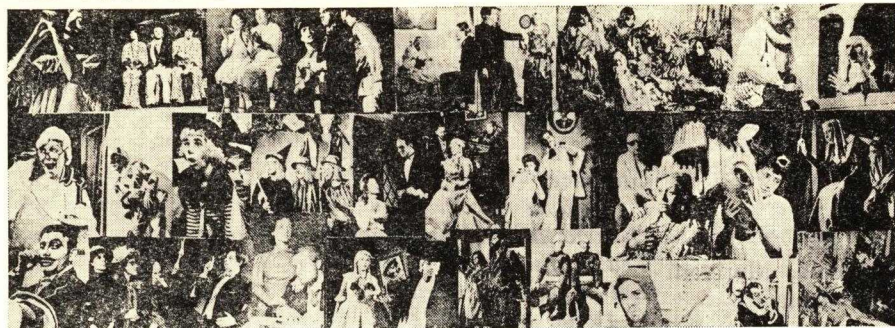
Casa de Diversões Confusas, de Nilceu Guidacci.



Textos à disposição dos leitores na Secretaria d'O TABLADO

Aman-Jean	<i>O Guarda dos Pássaros</i>	64
Anônimo	<i>Mestre Pedro Pathelin</i>	69
Anônimo	<i>O Pastelão e a Torta</i>	69
Anônimo (séc. 15)	<i>Todomundo</i>	62
Andrade Oswald	<i>A Morta</i>	52
Arrabal Fernando	<i>Guernica</i>	50
	<i>Piquenique no Front</i>	55
Barros Almeida Inês	<i>O Jogo da Independência</i>	54
BoBoccioni, Settimelli, Marinetti	<i>Teatro Futurista</i>	62
Borges J. C. Cavalcanti	<i>Em Figura de Gente</i>	54
Brandão Raul	<i>O Doido e a Morte</i>	63
Brecht Bertolt	<i>A Exceção e a Regra</i>	61
	<i>Aquele que diz Sim Aquele que diz Não.</i>	71
Casona Alejandro	<i>Farsa do Mancebo</i>	53
Cervantes	<i>O Tribunal dos Divórcios</i>	63
	<i>O Retábulo das Maravilhas</i>	67
Cocteau Jean	<i>Édipo Rei</i>	58
Checov Anton	<i>O Jubileu</i>	46
	<i>Os Males do Fumo</i>	49
França Junior	<i>Maldita Parentela</i>	55
Ghelderode	<i>Os Cegos</i>	68
Gheon Henri	<i>A Via Sacra</i>	49
Kokoschka Oskar	<i>Assassino Esperança das Mulheres</i>	66
Labiche Eugène	<i>A Gramática</i>	47
Macedo J. Manuel	<i>O Novo Otelô</i>	43
Machado de Assis	<i>Lição de Botânica</i>	61
Machado M C	<i>Os Embrulhos</i>	47
	<i>As Interferências</i>	57
	<i>Um Tango Argentino</i>	56
	<i>Os Viajantes</i>	47
Marinho Luiz	<i>A Derradeira Ceia</i>	59
Martins Pena	<i>As Desgraças de uma Criança</i>	45
	<i>O Caixeiro da Taverna</i>	60
	<i>O Inglês Maquinista</i>	67
Maeterlinck	<i>A Intrusa</i>	65
Monteiro de Araujo Carmosina	<i>Bumba-Meu-Boi</i>	52
	<i>Chica da Silva</i>	70-71
Qorpo-Santo	<i>Eu Sou a Vida</i>	45
	<i>Mateus & Mateusa</i>	65
Strindberg August	<i>A Mais Forte</i>	68
Syngé JM	<i>A Sombra do Desfiladeiro</i>	51
	<i>Viajantes para o Mar</i>	48
Tardieu Jean	<i>Conversação Sinfonieta</i>	48
	<i>Um Gesto por Outro</i>	64
Yeats	<i>O Único Ciúme de Emer</i>	43
Wedekind Frank	<i>A Morte e o Demônio</i>	66

25 ANOS O TABLADO O TABLADO 25 ANOS



O TABLADO 25 ANOS 25 ANOS O TABLADO

Adquira o álbum
comemorativo
dos 25 anos
d'O TABLADO

À venda na Secretaria d'O TABLADO:

Autora: MARIA CLARA MACHADO

CADERNOS DE TEATRO

assinatura anual (4 n.ºs) 60,00

<i>Cem Jogos Dramáticos</i>	15,00
<i>Embarque de Noé</i> (música-gravação).	50,00
<i>Tribobó</i> (gravação-música)	10,00
<i>O Patinho Feio</i> (música-gravação) ..	50,00
<i>CARTAZES</i>	10,00

Estas publicações poderão ser pedidas à Secretaria d'O TABLADO mediante pagamento com cheque visado, em nome de Eddy Rezende Nunes — O TABLADO, pagável no Rio de Janeiro.

Impresso por
GRÁFICA EDITORA DO LIVRO LTDA.
Rio de Janeiro, RJ.